



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

JACKELINE ARRUDA LIMA

**VARIAÇÃO DA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NO FALAR DO DISTRITO DE
LUZIMANGUES, PORTO NACIONAL-TO: a avaliação social em relação ao uso
dessas formas pronominais**

**PALMAS
2023**

JACKELINE ARRUDA LIMA

**VARIAÇÃO DA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NO FALAR DO DISTRITO DE
LUZIMANGUES, PORTO NACIONAL-TO: a avaliação social em relação ao uso
dessas formas pronominais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Licenciada do curso de Licenciatura em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Rilda Alves da Silva
Martins

Coorientador: Prof. Dr. Daniel Marra da Silva

**PALMAS
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

- L732v Lima, Jackeline Arruda
 Variação da segunda pessoa do singular no falar do Distrito de
 Luzimangues, Porto Nacional - TO : a avaliação social em relação ao
 uso dessas formas pronominais / Jackeline Arruda Lima. – Palmas,
 TO, 2023.
 75 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
 Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
 Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
 2023.
- Orientadora: Dra. Maria Rilda Alves da Silva Martins
 Coorientador: Dr. Daniel Marra da Silva
1. Pronomes da segunda pessoa do singular. 2. Variação
 Linguística. 3. Preconceito Linguístico. I. Martins, Maria Rilda Alves
 da Silva. II. Silva, Daniel Marra da. III. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**VARIAÇÃO DA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NO FALAR DO
DISTRITO DE LUZIMANGUES, PORTO NACIONAL-TO: a avaliação social
em relação ao uso dessas formas pronominais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade de
Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como
exigência à obtenção do título de Licenciada em
Letras Língua Portuguesa.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Rilda Alves da Silva Martins
IFTO – Campus Palmas

Prof. Dr. Daniel Marra da Silva (Coorientador)
IFTO – Campus Palmas

Prof. Ma. Auricélia Alencar da Silva Fernandes (Membro)
IFTO – Campus Palmas

Prof. Me. João Carlos Botelho (Membro)
SEDUC/TO – Secretaria da Educação do Tocantins

A toda a minha família: meu esposo Wandreson; meus pais, Jacicleide e José Crispim e a minha irmã Joicequele.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente pela vida e pela família que tenho, pela força e encorajamento que tem me dado até o presente momento, não permitindo que eu fraquejasse no meio do caminho e desistisse de realizar este sonho.

Aos meus pais, pelo incentivo de sempre buscar novos conhecimentos e me dedicar aos estudos para alcançar uma formação acadêmica e pelo apoio emocional nos momentos de desespero em meio às dificuldades que surgiram.

Ao meu esposo, que me apoiou desde o início do curso e foi meu companheiro e amigo em todos os momentos, foi meu ouvinte nos meus “ensaios” enquanto me preparava para as apresentações de seminários e trabalhos da faculdade, mesmo quando não queria ouvir (riso). Gratidão pelo seu companheirismo.

A minha amiga, Juliana Campos. Obrigada pela sua amizade, em você pude ver que mesmo com as dificuldades que aparecem em nossas vidas, somos capazes de lutar e conquistar aquilo que tanto almejamos.

A todos os professores que tive a oportunidade de conhecer na instituição. Agradeço pelos conselhos motivacionais ouvidos muitas vezes em sala de aula e pelos ensinamentos de modo geral que contribuíram para minha formação quanto cidadã ética e reflexiva na vida pessoal e profissional.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Maria Rilda, mulher dedicada e atenciosa. Obrigada primeiramente por ter aceitado ser minha orientadora, por ter ouvido minhas ideias e ter contribuído para o desenvolvimento do meu trabalho, apresentando-me a proposta de fazer essa pesquisa na comunidade em que moro. Não tenho palavras para agradecer por todo apoio, disponibilidade e atenção que me deu desde o início deste trabalho. Gratidão!

Ora, hoje já sabemos que a língua (entendida como uma *atividade social*) não é apenas uma ferramenta que devemos usar para obter resultados: ela é a ferramenta e ao mesmo tempo o resultado, ela é o processo e o produto. E não uma ferramenta pronta: é uma ferramenta que nós criamos exatamente enquanto vamos usando ela. A língua é o uso e também o resultado do uso.

Marcos Bagno; Michael Stubbs;
Gilles Gagné

RESUMO

Esta pesquisa aborda questões voltadas ao uso dos pronomes *tu*, *você* e suas variantes na comunidade de fala do Distrito de Luzimangues, Porto Nacional, TO. Foram registradas as ocorrências de uso da segunda pessoa do singular na comunidade de fala e as avaliações feitas pelos participantes da pesquisa referente ao uso dessas formas pronominais. A partir das observações realizadas acerca dos pronomes da segunda pessoa e suas variantes, ainda, analisa-se a avaliação social do uso dessas formas pronominais, considerando o fato de que seja possível a partir dos valores atribuídos pelos falantes às variantes, a ocorrência de um fenômeno social, o Preconceito Linguístico. Nessa perspectiva, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de descrever o uso dos pronomes da segunda pessoa do singular na comunidade de fala luzimanguense e, conseqüentemente, conscientizar essa comunidade de fala a respeito das diferentes formas de usar os pronomes *tu*, *você* e suas variantes, a depender do evento comunicativo. Dessa forma, para conduzir essa pesquisa utilizou-se como principal aporte teórico-metodológico a sociolinguística variacionista (Labov, 2008; Calvet, 2002; Tarallo, 1986; Mollica e Braga, 2015; Bagno, 1999; Bagno, Gagné e Stubbs 2002; Luft, 2006). Para alcançar os objetivos do trabalho, realizou-se uma pesquisa empírica na comunidade de fala luzimanguense, com 19 participantes estratificados de acordo com o gênero, a idade e a escolaridade. Ao todo, foram controladas nesta pesquisa sete grupos de fatores, quatro extralinguísticos (social: faixa etária, sexo, escolaridade e localidade) e três linguísticos (tempo verbal; preenchimento do sujeito e função sintática). Após a audição das entrevistas, na íntegra, foram catalogadas 474 ocorrências para a variável sob análise, sendo 266 (56,1%) do *você*, 138 (29,1%) do *cê*, 5 (1,1) de *ocê* e 65 (13,7%) da variante *tu*. O programa GoldVarb X selecionou como relevantes, após as rodadas estatísticas, quatro grupos de fatores: faixa etária, escolaridade, preenchimento do sujeito e tempo verbal. Os resultados, tanto dos fatores selecionados, quanto dos fatores considerados irrelevantes pelo programa, foram analisados e estão descritos por meio de tabelas e gráficos estatísticos. Percebe-se, a partir dos dados aqui analisados, que a variante *você* predomina na comunidade estudada e que *cê* e *tu* são suas concorrentes, enquanto *ocê* quase não é utilizada, pode-se afirmar também que a variante *cê* está se ampliando.

Palavras-chaves: Pronomes da segunda pessoa do singular. Avaliação social dos usos linguísticos. Preconceito Linguístico. Distrito de Luzimangues.

ABSTRACT

This research addresses issues related to the use of the pronouns *tu*, *você* and their variants in the speech community of the district of Luzimangues, Porto Nacional, TO. Occurrences of use of the second person singular in this speech community and the evaluations made by research participants regarding the use of these pronominal forms were recorded. Based on the observations made about these pronouns and their variants, the social evaluation of the use of these pronominal forms is also analyzed. From this perspective, this work was developed with the aim of describing the use of second person singular pronouns in the Luzimanguense speech community and consequently raising awareness in this speech community regarding the different ways of using the pronouns *tu*, *você* and their variants, the depend on the communicative event. Therefore, to conduct this research, variationist sociolinguistics was used as the main theoretical-methodological contribution (Labov, 2008; Calvet, 2002; Tarallo, 1986; Mollica and Braga, 2015; Bagno, 1999; Bagno, Gagné and Stubbs 2002; Luft , 2006). To achieve the objectives of the work, empirical research was carried out in the Luzimanguense speaking community, with 19 participants stratified according to gender, age and education. In total, seven groups of factors were controlled in this research, four extralinguistic (social: age group, gender, education and location) and three linguistic (verb tense, subject completion and syntactic function). After listening to the interviews, in full, 474 occurrences were cataloged for the variable under analysis, 266 (56.1%) from *you*, 138 (29.1%) from *cê*, 5 (1.1) from *ocê* and 65 (13.7%) of the *tu* variant. The GodVarb The results, both from the selected factors and those considered irrelevant by the program, were analyzed and are described using statistical tables and graphs. What was possible to perceive, from the data analyzed here, is that the variant *você* predominates in the community studied and that *cê* and *tu* are its competitors, while *ocê* is almost not used, it can also be stated that the variant *cê* is expanding.

Keywords: Second person singular pronouns. Social evaluation of linguistic uses. Linguistic Prejudice. Luzimangues District.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização de Luzimangues e Palmas.....	27
Figura 2 - Áreas Santa Luzia, Mangues e Canela.....	28
Figura 3 - Distrito de Luzimangues e municípios que fazem divisa.....	29
Figura 4 - Regiões onde foi realizada a pesquisa em zonas rurais.....	30
Figura 5 - Variante dependente.....	35
Figura 6 - Regiões pesquisadas: Luzimangues Velho (Norte) e Luzimangues Novo (Sul).....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Genealogia de influências.....	24
Quadro 2 - Estratificação dos falantes.....	33
Quadro 3 - Ficha social dos falantes de Luzimangues.....	34
Quadro 4 - Questionário para preenchimento da ficha social.....	43
Quadro 5 - Questionário utilizado para coleta de dados (uso das formas pronominais da segunda pessoa do singular) na comunidade de fala luzimanguense.....	44
Quadro 6 - Codificação: variável dependente e grupos de fatores.....	46
Quadro 7 - Codificação das amostras.....	47
Quadro 8 - Codificação: grupos de fatores linguísticos.....	61
Quadro 9 - Respostas sobre as perguntas feitas a respeito dos pronomes da segunda pessoa do singular: <i>Tu, você, cê, ocê, senhor (a)</i>	66
Quadro 10 - Respostas da falante J a pergunta: Qual dessas formas acha feia ou ruim?.....	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição geral de <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>cê</i> e <i>ocê</i> na comunidade Luzimanguense	49
Tabela 2 - <i>Você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> e <i>tu</i> em relação faixa etária.....	52
Tabela 3 - Dados amalgamados <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> vs <i>tu</i> em relação à faixa etária.....	53
Tabela 4 - <i>Você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> e <i>tu</i> em relação à escolaridade.....	53
Tabela 5 - Dados amalgamados <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> vs <i>tu</i> em relação à escolaridade.....	54
Tabela 6 - <i>Você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> e <i>tu</i> em relação a localidade.....	54
Tabela 7 - Dados amalgamados <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> vs <i>tu</i> em relação a localidade.....	55
Tabela 8 - <i>Você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> e <i>tu</i> em relação ao sexo.....	55
Tabela 9 - Dados amalgamados <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> vs <i>tu</i> em relação ao sexo.....	56
Tabela 10 - <i>Você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> e <i>tu</i> em relação ao tempo verbal.....	57
Tabela 11 - Dados amalgamados <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> vs <i>tu</i> em relação ao tempo verbal..	58
Tabela 12 - <i>Você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> e <i>tu</i> em relação ao preenchimento do sujeito.....	59
Tabela 13 - Dados amalgamados <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> vs <i>tu</i> em relação ao preenchimento do sujeito.....	59
Tabela 14 - <i>Você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> e <i>tu</i> em relação a função sintática.....	60
Tabela 15 - Dados amalgamados <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> vs <i>tu</i> em relação a função sintática.....	60
Tabela 16 - Alternância das variantes <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> e <i>tu</i> , por falante, na amostra. O que os falantes usam e o que eles dizem usar com os amigos?.....	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das variantes amalgamadas <i>você, cê</i> e <i>ocê</i> vs <i>tu</i>	50
Gráfico 2 - Distribuição de <i>cê</i> e <i>tu</i>	51
Gráfico 3 - Distribuição das variantes amalgamadas <i>você, cê, ocê</i> vs <i>tu</i>	61

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1 OBJETIVOS.....	16
1.1.2. Objetivos Específicos.....	16
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	17
2.2. A Sociolinguística: William Labov e outros sociolinguísticos.....	23
2.3. Sociolinguística: língua e comunidade de fala.....	26
3. SOBRE A COMUNIDADE DE LUZIMANGUES.....	27
3.1. Escolha da comunidade de fala.....	31
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
4.1. Seleção dos participantes.....	32
4.2. Variável e variantes linguísticas.....	34
4.3. Variáveis sociais.....	35
4.4. Variáveis linguísticas.....	38
4.5. Pesquisa quantitativa.....	41
4.6. Entrevista sociolinguística.....	41
4.7. Transcrição e codificação.....	45
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA.....	48
5.1. Resultados Gerais.....	48
5.2. Variáveis extralinguísticas.....	51
5.2.1. Variáveis sociais.....	52
5.2.2. Variável Faixa etária.....	52
5.2.3. Variável escolaridade.....	53
5.2.4. Variável Localidade.....	54
5.2.5. Variável Sexo.....	55
5.3. Variáveis linguísticas.....	56
5.3.1. Variável Tempo verbal.....	56
5.3.2. Variável Preenchimento do sujeito: sujeito explícito e implícito.....	58
5.3.3. Variável Função sintática: sujeito/não sujeito.....	59
5.3.3.1. <i>Resultados dos grupos de fatores linguísticos na variação dos dados</i> <i>amalgamados você, cê e ocê vs tu.....</i>	60
5.4. Ocorrências relativas ao Preconceito Linguístico.....	62
5.4.1. Resultados das ocorrências do fenômeno do preconceito linguístico.....	69
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	74

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a língua portuguesa é falada de diferentes modos, tendo como influência os fatores linguísticos e extralinguísticos. Em síntese, os fatores linguísticos se caracterizam pelos conhecimentos gramaticais, vocabulário e estrutura dos textos, já os fatores extralinguísticos se relacionam com o letramento do indivíduo, o conhecimento de mundo, experiências vividas pelo indivíduo que caracterizam o seu modo de ser, falar e interagir com as coisas à sua volta.

Diante desses fatores, observa-se que muitas são as variações que ocorrem na língua e muitas dessas são avaliadas de forma negativa a depender do grau de contato que os indivíduos têm com determinados termos e/ou palavras. Nessa perspectiva, essas avaliações negativas podem ser compreendidas como um problema social, visto que, ocorre a desvalorização dos diferentes modos de falar e, conseqüentemente, a prática do preconceito, mais precisamente do preconceito linguístico.

Desse modo, nesta pesquisa, descreve-se e analisa o uso de *tu*, *você* e suas variantes, bem como o fenômeno social do preconceito linguístico sob a perspectiva das avaliações sociais em relação ao uso desses pronomes da segunda pessoa do singular na comunidade de fala do Distrito de Luzimangues, Porto Nacional-TO. Como são várias as possibilidades de usos, portanto, o intuito é verificar as avaliações que esses falantes fazem das variantes da segunda pessoa do singular, permitindo identificar a ocorrência de forma consciente e inconsciente do preconceito linguístico pelos falantes. A partir das observações realizadas na comunidade, em relação ao uso de *tu*, *você*, *cê* e *ocê*, foi possível coletar dados suficientes para uma análise sociolinguística.

Nos estudos sociolinguísticos se procura observar a fala dos indivíduos sem que estejam se monitorando. Assim, é importante destacar que o objeto de pesquisa da Sociolinguística, que estuda a relação entre língua e sociedade, é o “vernáculo”, a *parole* como se refere Saussure, a fala em seu sentido mais objetivo. Segundo Labov (2008 [1972] pág. 244) “Este é o ‘vernáculo’ – o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para análise da estrutura linguística”. A observação do vernáculo permite entender por que há diferentes grupos em uma determinada comunidade que utilizam a língua de diferentes modos. Exemplificando,

peças escolarizadas falam diferente das que não tiveram oportunidades de sistematização da própria língua materna, assim podemos considerar para esse respectivo fato social as ausências de aspectos linguísticos para falantes não escolarizados e a presença dos aspectos linguísticos para os escolarizados, levando também em consideração os aspectos extralinguísticos dos falantes.

Em relação à variação do *tu*, *você*, *cê* e *ocê*, este tema tem sido objeto de estudo de várias pesquisas na área da Sociolinguística. No Tocantins, trabalhos voltados para a mesma temática já foram realizados em algumas cidades do Estado como “Análise da alternância dos pronomes tu/você/cê no falar de Porto Nacional (TO) à luz da sociolinguística cognitiva” de Martins, M. (2017); “Alternância das formas pronominais de segunda pessoa do singular na fala dos remanescentes da comunidade Canela, Palmas -To”, de Albernaz, W. (2023) e “Variação dos pronomes *Tu* e *Você* na fala da comunidade de Taquaruçu”, de Lopes C. (2022). Nesses estudos o enfoque principal foi a descrição e análise das variações da segunda pessoa do singular.

Além disso, a motivação para realização desse trabalho se deu, também, pelas vivências desde a infância com pessoas do estado do Tocantins e Pernambuco. Sendo natural de Pernambuco, tive a oportunidade de ao longo dos anos entre 2004 até 2015 transitar entre esses dois Estados, residindo em várias cidades do Tocantins.

Diante disso, tive contato ao longo desses anos com diferentes modos de falar, sotaques e dialetos, ou seja, um contato grande com a variedade linguística. Assim, ao adquirir as marcas linguísticas de uma região e de outra como o sotaque que diferencia os dialetos, ao chegar em uma determinada região dessas, era questionada pelos falantes sobre o “jeito estranho de falar”. Em Pernambuco, por exemplo, questionei-me sobre a minha palatalização diante de palavras como *dia* ([dʒia]) e *tia* ([tʃia]). O mesmo ocorria quando chegava ao Tocantins, era questionada pelo som oclusivo das consoantes ([t/d]) diante do fonema /i/. Para exemplificar melhor, esse é um processo fonológico variável que diferencia dialetos (Santana, 2021, p. 1284), por esse motivo causava estranheza aos ouvintes pelo modo como eu falava de acordo com a região em que me encontrava.

Diante do exposto, o estudo aqui abordado se faz necessário, visto que trata da diversidade linguística do país, mesmo que de forma delimitada aos usos das formas pronominais da segunda pessoa do singular, ainda, tem-se sua importância

social, dado que discutiremos sobre o preconceito linguístico que é um problema social no Brasil.

Com isso, objetivamos responder às seguintes perguntas: Quais as principais variantes da segunda pessoa do singular que são mais utilizadas pela comunidade de fala do Distrito de Luzimangues, Porto Nacional-TO? Como ocorre o problema social do Preconceito Linguístico por meio da avaliação social pelos falantes às variações da segunda pessoa do singular na fala da comunidade Luzimanguense?

Diante desses questionamentos, levantou-se a seguinte hipótese: as variações mais utilizadas na comunidade de fala Luzimanguense são “você, senhor e senhora”, sendo que, as demais variantes como “tu, ocê e cê” são estigmatizadas, ou seja, avaliadas negativamente por serem as duas últimas utilizadas de maneira informal e o “tu” por ser usado sem flexão verbal da segunda pessoa do singular, assim, é estigmatizado por não está de acordo com a gramática normativa.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1. Objetivo Geral

Descrever o uso dos pronomes da segunda pessoa do singular na comunidade de fala do Distrito de Luzimangues, Porto Nacional – TO e demonstrar a importância de respeitar as variações linguísticas em relação ao uso dessas formas na fala.

1.1.2. Objetivos Específicos

- Identificar as principais variações do pronome da segunda pessoa do singular utilizadas dentro da comunidade de fala do Distrito de Luzimangues, Porto Nacional – TO;
- Analisar o uso das variações da segunda pessoa do singular dentro da dessa comunidade de fala;
- Discutir sobre o problema social do Preconceito Linguístico com vista à avaliação social pelos falantes em relação às variações da segunda pessoa do singular no uso da fala da comunidade.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste trabalho é importante destacar que as teorias que embasam esta pesquisa são as de cunho sociolinguístico por se tratar de uma pesquisa empírica envolvendo a língua no contexto social da comunidade de fala luzimanguense. Partindo do pressuposto de que a corrente estruturalista, influenciada pelas ideias de Saussure, defende uma abordagem abstrata da língua e de que a língua é homogênea, não utilizaremos esses pressupostos como aporte teórico. Além disso,

os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da *langue*. (Labov, 2008[1972], p. 217)

Em contrapartida, para tratar da abordagem referente à variação no uso dos pronomes da segunda pessoa do singular utilizaremos como embasamento as ideias de William Labov ([1972] 2008) que representou o nascimento da Sociolinguística Variacionista com a publicação de “Padrões Sociolinguísticos” em 1972. Esse autor, também conhecido como pai da Sociolinguística, defende a importância do estudo da língua vinculada ao seu contexto social com vista à comunidade de fala, sendo esse nosso objeto de pesquisa.

Nessa perspectiva, as variedades linguísticas são influenciadas por características dos seus falantes como grau de escolaridade, a classe social do falante entre outros, são fatores que influenciam na heterogeneidade linguística dos falantes de uma mesma comunidade. Ainda, consoante a William Labov (2008 [1972], p. 188), os falantes de uma mesma comunidade de fala não utilizam as mesmas formas para se comunicarem, daí o cunho heterogêneo da língua.

Por conseguinte, para tratar do preconceito linguístico e do respeito aos usos das diferentes formas pronominais é importante trazer como referência obras do autor Marcos Bagno (1999) e (2002) que é autoridade no assunto sobre “Preconceito Linguístico” e de outros autores como Pedro Luft (2006). O assunto sobre esse problema é pouco discutido no dia a dia das comunidades de falas e em pesquisas, mas é justamente os estudos sociolinguísticos que podem contribuir com o combate a esse fenômeno social.

Assim, a partir da inserção da Sociolinguística no quadro mais amplo de interesses da linguística, fica atestada a íntima relação que existe entre língua e sociedade. E é por causa dessa constatação – a de que o estudo da língua não pode prescindir, até certo ponto, do da sociedade – que o

acúmulo em teoria e em pesquisas da Sociolinguística pode nos ajudar a compreender melhor um fenômeno social: o preconceito linguístico. (Coelho, et al, 2010, p. 35)

O preconceito linguístico resulta do julgamento da forma como uma pessoa utiliza a língua na fala, esse julgamento se dá por comentários pejorativos e resulta da dicotomia de que quem fala certo é quem utiliza a língua de acordo com a gramática normativa, a norma culta padrão. Entretanto, a gramática normativa não dá conta da variedade linguística do português brasileiro.

Dar vida ao preconceito linguístico é julgar falantes ou grupos inteiros em uma comunidade pelas formas linguísticas que empregam (e essas formas geralmente são as que se afastam do padrão). O argumento é que há, em uma língua, construções corretas e incorretas, melhores e piores, e que os falantes que “erram” em suas escolhas ao falar e ao escrever são, conseqüentemente, também imperfeitos, pessoas que ou desprezam ou que têm dificuldade em atingir o nível em que só se empregam as construções aceitáveis/ corretas. A aceitação dessa ideia, e da noção de erro no uso linguístico que está por trás dela, autoriza a exclusão social gerada pelo preconceito linguístico – uma exclusão que, em muitos casos, é bastante dura. (Coelho, et al, 2010, p. 35)

No caso da ocorrência do preconceito linguístico em relação à temática a ser analisada aqui, já é possível observá-la a partir de outro estudo: Análise da alternância dos pronomes tu/você/cê no falar de Porto Nacional (TO) à luz da sociolinguística cognitiva (Martins, 2017). Essa pesquisa traz informações sobre o pronome da segunda pessoa do singular e em suas coletas de dados as avaliações dos falantes sobre essas formas pronominais.

Exemplificando a ocorrência desse problema, por meio das avaliações sociais, em algumas entrevistas feitas por Martins (2017) com os falantes da comunidade Portuense, alguns participantes fizeram os seguintes comentários a respeito da utilização do pronome “Tu”: “x) Pra mim, o tu é discriminado. A não ser com uma filha minha, a gente fala tu mesmo, mas pra mim o tu é discriminado. y) O tu é muito esquisito, tu, é pra fora.” (Martins, 2017, p. 67). Tais apontamentos inferem a ocorrência do preconceito linguístico nas comunidades de fala em relação ao uso dos pronomes da segunda pessoa do singular e a importância de tratar do assunto nesta pesquisa.

2.1. A existência e perpetuação do Preconceito Linguístico na sociedade brasileira

A expressão “Preconceito Linguístico” foi criada na década de 1980 pela linguista finlandesa Tove Skutnabb-Kangas. No Brasil, todavia, é um problema que é possível ser percebido com os registros históricos datados a partir da chegada dos europeus a essas terras. A nação portuguesa não só se apropriou dessas terras como também tinham como um dos seus objetivos introduzir seu próprio idioma aos nativos que aqui já estavam. Nesse contexto, como o Estado e a Igreja tinham um pacto, os jesuítas seriam os mestres que catequizariam os índios e lhes ensinariam sobre a fé em Deus, assim para que isso ocorresse, os jesuítas aprenderiam a língua dos indígenas para então propagar seus dogmas religiosos. A coroa, no entanto, estava interessada em aumentar seus súditos e para isso precisava que os nativos aprendessem seu idioma e não o contrário. Entretanto, aos jesuítas foi dada essa missão de também ensinarem aos indígenas o idioma português, porém não o fizeram, pois o objetivo principal era catequizá-los.

Consoante a isso, o professor ¹Gindri¹ (2010, p. 5) em um artigo publicado no IV fórum de Educação e Diversidade pela UNEMAP² confirma que

Em 1701, o Rei português escrevendo a D. João de Lencastro, recomenda aos missionários: “que procurem ensinar aos índios na língua portuguesa; porém é necessário que eles primeiro saibam a dos índios. Para este fim (...) hajam mestres e práticos nas línguas não só dos índios, mas dos pretos (...)”. Essa aparente contradição parece nos mostrar uma tentativa de se aproveitar o aparato jesuítico para os propósitos da coroa, o que manteria o pacto entre Estado e Igreja. Contudo em 1722 a recomendação é repetida, mas de forma mais enfática: “... seria mui conveniente do serviço de Deus e meu que não só os instruem [os índios] na Religião Católica na sua mesma língua, mas que os ensinem a falar Português...”. Depreendemos dessa fala que a Companhia de Jesus continuava a priorizar a “Religião Católica” deixando o “serviço do Rei” no esquecimento.

Nessa perspectiva, em 1757 foi promulgado o Diretório dos Índios, lei elaborada em 1755 e tornada pública dois anos depois, que reforçou a obrigatoriedade de os povos indígenas aprenderem a língua portuguesa, sendo que, a principal justificativa para tal imposição da coroa Portuguesa foi a de tradição conforme nos traz em seu artigo o professor Gindri. Além disso, tal afirmação é confirmada conforme o que está prescrito no 6º parágrafo do documento do Diretório,

6 Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações, que conquistaram novos Domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes

¹ Professor Formador de Língua Portuguesa do Centro de Formação dos Profissionais da Educação do Estado de Mato Grosso, CEFAPRO.

para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da Língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo Príncipe. (Gama, 1758)

A tarefa de colocar em prática esse ensino da Língua Portuguesa foi encarregada pelo Secretário de Estado de Portugal, Marquês de Pombal. Até metade dos séculos XIII a língua portuguesa não era constituída como disciplina, somente após várias reformas instituídas pelo Secretário que o Português se tornou uma disciplina efetiva, mais precisamente no ano de 1857 tendo como principais componentes curriculares a Gramática do Português, Retórica e Poética. Antes desse episódio o evento principal dentro desse contexto que marca um dos pontos da origem do Preconceito Linguístico no Brasil é a reforma pombalina em 1750, em que

a reforma tornou obrigatório o uso da língua portuguesa no Brasil, proibindo o uso de outras línguas; no sistema escolar, seguindo a proposta de Verney, introduziu-se o estudo da gramática do português, que precedia o estudo da gramática latina, constituindo-se como instrumento e apoio para o aprendizado do latim. (Cerutti-Rizzatti; Rodrigues, 2011, p. 57)

Diante do exposto, percebe-se que com essas imposições em relação ao uso da língua aos falantes originários dessas terras, criou-se uma espécie de estigmatização em relação aos diferentes modos de falar desses povos. Assim, evidencia-se que a proibição das línguas que antes da reforma pombalina eram permitidas no Brasil Colonial como a língua geral e o latim teve forte influência na perpetuação do Preconceito Linguístico no Brasil.

A valorização da norma culta e da escrita e a insistência nas regras de exceção no ensino da norma, com conseqüente abandono das formas da oralidade e preconceito contra essas formas: A centralidade no ensino da norma culta com apego às exceções criou a imagem da língua única e homogênea, centrada na forma escrita, com a conseqüente marginalização das demais variedades linguísticas. (Cerutti-Rizzatti; Rodrigues, 2011, p. 64)

Ainda, é válido salientar que o ensino da língua direcionado somente na perspectiva de uma língua homogênea, colocou em conflito a aprendizagem nas escolas dos alunos que não dominavam a variedade de prestígio, o português. Nesse sentido, esse aspecto “tornou-se um fator de exclusão social, processo em que sua identidade linguística, sob vários aspectos, esteve colocada em xeque, a ponto de muitos desses alunos concluírem: ‘Eu não sei falar português’, mesmo tendo o português como língua materna.” (Cerutti-Rizzatti; Rodrigues, 2011, p.

64-65). Essa frase citada pelas autoras “Eu não sei falar português”, nos dias hodiernos ainda é falada por muitos brasileiros, pois o preconceito às variedades linguísticas do nosso país é tão grande que se tornou estrutural, impregnada na sociedade desde a colonização, sendo assim, necessário desconstruí-lo da mentalidade social.

Destarte, o assunto sobre o Preconceito Linguístico no Brasil, somente ganhou notoriedade com a publicação da obra do autor Marcos Bagno em 1999 intitulada “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz”, a obra reforça já no início que um dos principais problemas do preconceito linguístico, também consoantes ao apontamento das autoras citadas no parágrafo anterior, é de que “brasileiro não sabe português” e que é muito difícil aprender português. Essas construções estereotipadas na fala do brasileiro são reflexo do conflito existente em relação à oralidade em comparação à escrita.

Para alcançar esse objetivo, a escola sempre se guiou pela idéia de que para alguém falar e escrever bem era necessário, previamente, adquirir um saber gramatical, um conhecimento integral dos mecanismos de funcionamento da língua, tal como codificado nas gramáticas normativas. Trata-se de um mito, aquele que diz: ‘É preciso conhecer a gramática para falar e escrever bem’ (sobre outros mitos acerca da língua ver Bagno, 1999). (Bagno; Gagné; Stubbs, 2002, p. 48)

A ideia introduzida nas escolas de que se deve seguir a norma padrão, a gramática normativa, influência na formação do pensamento das pessoas de que existe um modo “certo e errado” de falar, sendo a principal referência do “modo certo, culto”, a gramática normativa ensinada nas escolas. Bagno (1999, p. 13) afirma, “O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui.”.

O autor ainda reforça que a ideia de “unidade”, língua abstrata e homogênea precisa ser desconstruída nas escolas e instituições, é preciso que as ações governamentais voltadas a educação repensem o ensino-aprendizagem da língua nas escolas, tendo como principal direção o reconhecimento da diversidade linguística do nosso país (Bagno, 1999, p. 18). O não reconhecimento dessa diversidade linguística significa marginalizar os usos que não estão de acordo com as gramáticas normativas.

Segundo Pedro Luft (2006, p. 18) que traz em sua obra “Liberdade e Língua” a crônica de Luis Fernando Veríssimo: “Escrever bem é escrever claro, não

necessariamente certo”. Quando falamos ou escrevemos para comunicar algo, o que conta é fazê-lo da forma mais clara possível. Toda evolução linguística começa com o “erro” e já que toda língua evolui a gramática não pode ser estática.

A verdadeira gramática, imanente à linguagem, é algo vivo, por isso flexível. Não assim a Gramática disciplina, código normativo, que tende à fixação e inflexibilidade, portanto à morte. A Gramática completa de uma língua viva deveria registrar a variabilidade e evolução (tendências evolutivas) das regras gramaticais. Só as línguas mortas são retratáveis num corpus fechado de regras. Portanto, o livro-gramática deveria estar sempre sendo atualizado, aperfeiçoado, como todo bom dicionário. (Luft, 2006, p. 23)

Como observado, é importante compreender a língua como um sistema vivo para entender também o fenômeno das variações linguísticas dentro desse sistema e assim não julgar os usos decorrentes dessas variações. Segundo Luft (2006, p. 41) conforme o grau de escolaridade, idade, cultura ou sociocultural do falante é natural que ocorra a evolução de usos gramaticais, ou seja, “há variantes de gramática”. Aqui cabe mencionar um exemplo, as variantes do pronome “Você” da segunda pessoa do singular, “Oê e Cê”.

Acima da gramática normativa ou de qualquer outra e da norma culta-padrão é preciso considerar a gramática internalizada de cada falante. Os falantes naturalmente internalizam a sua gramática desde pequenos, aprendem a se comunicarem criando frases, períodos e orações. Em meio a essa confusão linguística em relação aos usos da língua, o que deve prevalecer é o ato de comunicar, assim, quando comunica-se e o outro entende, significa que houve um contrato de comunicação em que um que está falando comunica algo e o outro que ouvindo compreende o que foi falado. “A criança e o falante não escolarizados *sabem tudo aquilo que precisam para falar em seu nível de comunicação*. Apenas, não conhecem os termos técnicos, os nomes daquilo que sabem.” (Luft, 2006, p. 43)

Consoante a isso, Bagno advoga “que jamais será possível escrever uma gramática que dê conta de todas as variedades linguísticas do português brasileiro nem de seus incontáveis usos nos quase infinitos gêneros textuais em que elas podem se manifestar”. (2002, p. 75)

Por conseguinte, aos professores e principalmente aos de Língua Portuguesa cabe a missão de mediar em sala de aula o conhecimento da diversidade linguística no Brasil e abordar sobre as variedades linguísticas existentes no uso da língua dentro dessas diversidades. O combate ao preconceito linguístico deve começar nas escolas, visto que, esse problema social tem cunho mais forte justamente nas

instituições de ensino que discriminam os usos que não seguem as normas gramaticais.

É mais do que justo que o professor explique, com base em teorias linguísticas consistentes, a origem e funcionamento das formas linguísticas consideradas não-padrão, que mostre as regras gramaticais que governam cada uma delas. Isso deixará claro que as opções alternativas à regra-padrão tradicional não são caóticas nem confusas nem incoerentes: muito pelo contrário, obedecem a regras tão lógicas e consistentes quanto as que governam a opção-padrão e por isso podem ser explicadas cientificamente. (Bagno; Gagné; Stubbs, 2002, p. 76)

Assim sendo, consoante as autoras Cerutti-Rizzatti e Rodrigues (2011, p. 64) a sociolinguística tem sido uma excelente ferramenta para mostrar que “nenhuma variedade de fala é superior a outra [...]”.

2.2. A Sociolinguística: William Labov e outros sociolinguísticos

Nesta etapa, será explicado melhor sobre algumas questões críticas apontadas por Calvet (2002) sobre a relação entre a Linguística e Sociolinguística. Como já mencionado, a Sociolinguística teve como precursor o sociolinguista William Labov que com seus estudos de mestrado (1963) e doutorado (1966) contribuiu para o surgimento e desenvolvimento da Sociolinguística a partir da década de 1960: as diferenças de classes nos dialetos da cidade de Nova Iorque; a mudança sonora que afetava os ditongos (ay) e (aw) na ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts de 1963; pesquisas feitas sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque (1966).

Desde seu primeiro estudo, de 1963, sobre o inglês falado na ilha Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), vários outros se seguiram: estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque (1966); a língua do gueto: estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros Harlem, Nova Iorque, e estudos sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros. (Tarallo, 1986, p. 7)

Antes de se aproximar dos estudos linguísticos, Labov ficou um tempo estudando na área de Química. Apenas em 1961 voltou-se à Linguística e se tornou aluno de Uriel Weinreich (1926-1967). O linguista foi orientador de Labov e o levou para apresentar seus trabalhos nos encontros *Linguistic Society of America* de (1962, 1963 e 1964), seus trabalhos foram aceitos pelos representantes mais importantes do campo da Linguística da época. Esses acontecimentos segundo Marra e Milani (2012) foram estratégicos por parte de Weinreich para alavancar não

só o desenvolvimento da Sociolinguística, mas também a carreira de Labov, visto que, a princípio os convites para os eventos foram direcionados a ele e não ao seu orientando.

Diante os pressupostos históricos, apesar de que Labov é considerado o pai da Sociolinguística, mas há que se considerar os sociolinguistas que vieram antes dele com ideias que já se encaminhavam para os estudos atuais voltados a Sociolinguística, mas que precisavam ainda de uma direção efetiva, ou seja, do surgimento dessa subárea. Dentre esses, cabe citar Meillet (1866-1936); Bakhtin (1895-1975), entre outros. Para Tarallo (1986, p. 7) podemos considerar sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação entre os indivíduos da espécie humana. “Assim sendo, tem-se Ferdinand de Saussure um sociolinguista”. (Tarallo, 1986, p.7).

É interessante destacar que os autores Marra e Milani (2012) apoiados pelas propostas de Konrad Koerner (1996), abordam sobre a *genealogia* de influências que perpassaram os estudos Sociolinguísticos de Labov. Vejamos abaixo uma exemplificação dessa *genealogia*:

Quadro 1- Genealogia de influências



Fonte: Elaboração própria

Todos esses estudiosos tiveram importância para o surgimento da Sociolinguística, visto que, todos passaram seus conhecimentos linguísticos a

outros. A questão por exemplo da língua ser considerada um fato social foi uma ideia primeiro discutida por Whitney, mas esse utilizou outro termo “instituição social”. Dessa forma, Saussure teve influências dos estudos de Whitney ao caracterizar a língua como um fato social. Por sua vez, Antoine Meillet foi ex-aluno de Saussure e lançou a ideia de “sociologia da linguagem”. Entretanto, as ideias de Meillet divergiram da Saussure quando foi feita a publicação póstuma do livro *Curso de Linguística Geral* do autor. Segundo Calvet (2002, p. 14), o linguista tomou distância das ideias saussurianas por várias de suas dicotomias apresentadas no livro, inclusive a de que a língua deve ser considerada em si mesmo e por si mesmo.

Meillet tomou distância e, na resenha que faz do livro, ele ressalta que ‘ao separar variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva da realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável’. (Calvet, 2002, p. 14)

Segundo Marra e Milani (2002), foram alguns alunos de Meillet que apresentaram as primeiras descrições sócio-linguísticas, como Marcel Cohen e André Martinet. Cohen em seus estudos se dedicou a compreender as relações entre língua e sociedade, entre outros temas que se desenvolveram nos estudos dentro da subárea dos estudos sociolinguísticos. Já Martinet, por sua vez,

desenvolveu estudos sobre seu dialeto nativo, publicado em 1946. Além disso, deve-se enfatizar o fato de que esse linguista sempre esteve, particularmente, interessado em estudos sobre a mudança linguística, interesse que, sem dúvida, passou para Weinreich e deste para Labov. Os estudos feitos por Martinet foram de grande importância para as pesquisas iniciais de Labov sobre a mudança sonora do dialeto da ilha de *Martha's Vineyard* e de Nova Iorque. (Marra; Mellani, 2012)

Uriel Weinreich (1926-1967) foi orientado por Martinet em suas pesquisas de Mestrado e Doutorado e anos depois nessa genealogia de influências William Labov se torna orientando de Weinreich que com certeza passou adiante os interesses de Meillet. O próprio Labov faz afirmações acerca das influências de Weinreich para seus estudos:

Recentemente tive a oportunidade de ler alguns dos esboços e projetos inéditos de Weinreich para o estudo do multilingüismo e da variação social na comunidade de fala. Descobri que seu pensamento tinha se antecipado ao meu em vários anos e, sem dúvida, desempenhado um papel muito maior nos resultados oferecidos aqui do que pode transparecer nas referências explícitas. Mais do que qualquer outra coisa, me beneficieei da calma convicção de Weinreich de que estávamos nos movendo no rumo que uma lingüística racional e realista inevitavelmente deveria tomar. (Labov, 2008[1972], p.15)

Em Calvet (2002, p. 32) também pode ser observado que o autor menciona algumas falas de Labov direcionadas a Meillet de forma a retomá-lo sobre a importância das variações linguísticas e do seu contexto social, a comunidade linguística.

2.3. Sociolinguística: língua e comunidade de fala

Além dos autores mencionados anteriormente, William Bright (1966) também contribuiu para os estudos sociolinguísticos. No entanto, ele não foi capaz de apresentar uma metodologia que explicasse a relevância da diversidade linguística em seus estudos. “Apesar dos esforços iniciais de William Bright (1966) e Joshua Fishman (1972) em conceituar e delimitar o campo de atuação da Sociolinguística, suas teorias tiveram menor impacto que as pesquisas desenvolvidas por Labov.” (Silva, 2009, p. 76)

Labov propôs o estudo da língua vinculado ao contexto social, sempre acreditou que o meio é capaz de influenciá-la e ficou conhecido por ser representante da teoria da variação linguística. Ele próprio destaca que

aqueles que têm se servido dos recursos reais da comunidade de fala descobrem que o trabalho de campo é uma rica fonte que nunca se esgota. Descobri que não existe prazer maior do que viajar como um estrangeiro privilegiado a todas as partes do mundo, ser recebido com gentileza e cortesia por homens e mulheres em todos os lugares e compartilhar com eles o conhecimento e a experiência tal como reaparecem em sua linguagem. O lingüista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender. (Labov, 2008[1972], p. 18)

Em suas pesquisas, Labov sempre considerou a observação da língua em uso nas comunidades de fala para explicar as mudanças linguísticas que ocorrem com o tempo. No mais, procurava observar muitos falantes da comunidade para fazer a coleta de dados e analisar as variações linguísticas e não apenas trabalhar com um ou dois informantes como os pesquisadores da Linguística.

3. SOBRE A COMUNIDADE DE LUZIMANGUES

A comunidade do Luzimangues faz parte da cidade de Porto Nacional (TO) e atualmente conta com aproximadamente 24 mil habitantes, de acordo com o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa região está crescendo de forma acelerada em relação não só ao aumento populacional, mas também da indústria local com o surgimento de novas lojas com foco em diferentes setores da construção, clínicas médicas e iFoods, entre outros.

Luzimangues fica próxima à capital Palmas, sendo que, o que as separa é a ponte Fernando Henrique Cardoso da Amizade e Integração com 8 km de extensão, o distrito se torna mais próximo do centro de Palmas do que alguns bairros da própria capital como Taquaralto que fica a aproximadamente 25 km do centro de Palmas.

Figura 1- Localização de Luzimangues e Palmas

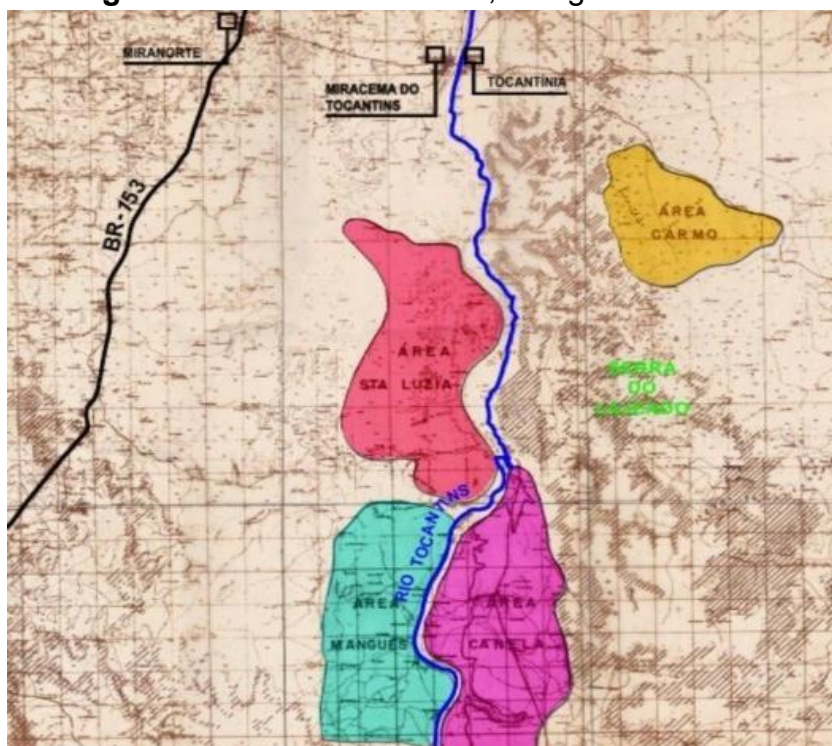


Fonte: Pinto, 2014.

Essa região às margens da TO-080 e do Rio Tocantins, recebeu esse nome pela fusão dos nomes dos Rios Santa Luzia e Mangues, a região também já foi conhecida como Porto das Balsas porque antes de ser criada a ponte a travessia para o lado direito do Rio Tocantins era feita de Balsa. O Distrito se desenvolveu principalmente devido a criação do lago da Usina de Lajeado, sendo que parcela

percentual das pessoas que eram da comunidade canela tiveram suas terras inundadas e foram abrigadas do lado esquerdo da margem do Rio Tocantins em sua grande maioria onde hoje é o Distrito de Luzimangues, enquanto outros foram para uma vila em Palmas, mais precisamente onde hoje é a 508 Norte (Arne 64).

Figura 2 - Áreas Santa Luzia, Mangues e Canela



Fonte: Pinto, 2014.

Segundo informações dos moradores antigos da comunidade, em 1974 aproximadamente a área que hoje é o Luzimangues era só mata, não tinha ponte ainda e os poucos moradores que tinham eram os ribeirinhos, também não tinha estradas. Somente em 1980 uma estrada de chão foi aberta e ligava Paraíso (TO) à comunidade Canela nas margens do Rio Tocantins. De acordo com Pinto, “a região vem sendo ocupada desde a primeira metade do século XIX, com uma distribuição esparsa pelo cerrado de propriedades rurais voltadas à agricultura de subsistência e à criação de gado.” (2012, p. 100). Em 1988 tivemos a fundação do Tocantins que antes era Goiás, o primeiro governador do estado foi José Wilson Siqueira Campos que teve quatro mandatos (1989 -1991, 1995 -1998, 1999 - 2003, 2011- 2014) e em 1994, a estrada de chão teve seu traçado alterado e foi pavimentada, tornando-se a TO-080. (Pinto, 2012, p. 102)

Ainda segundo Pinto (2002, p. 101) a região de “Mangues” fez parte de projetos com a finalidade de ser a capital do novo Estado. Entretanto, por questões

de delimitações territoriais que atingiam os limites de Porto Nacional, Paraíso do Tocantins e Miracema do Tocantins, optou-se por criar o município de Palmas no lado direito às margens do Rio Tocantins.

Nesse contexto, com a nova capital instaurada na área “Mangues” se criou o Porto das Balsas ou Vila Graciosa. As balsas davam acesso a Palmas e também havia alguns comércios às margens do rio. Dessa forma, Porto Nacional iniciou algumas deliberações para criação do distrito. A primeira lei promulgada foi a Lei nº 1.415, de 14 de outubro de 1993, que cria o “Distrito de Mangues/Santa Luzia”, no ano seguinte o nome do distrito foi mudado para “Luzimangues”.

Figura 3 - Distrito de Luzimangues e municípios que faz divisa

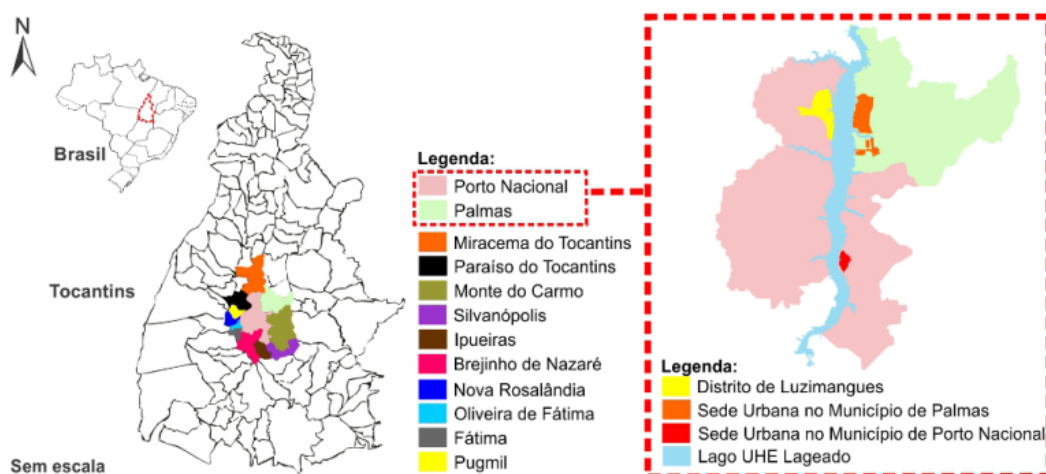


FIGURA 1 – Localização do Distrito de Luzimangues, área de estudo.

Fonte: Adaptado pelas autoras (2015), com base em Pinto (2012) e Google Earth.

Fonte: Barreto e Rodovalho, 2023.

Outrossim, com o projeto da Usina Hidrelétrica de Lajeado (UHL) e o início da obra em 1998, a Investco concessionária responsável por essa construção, comprou parte da terra de fazendeiros da região de Luzimangues e assentou as famílias ribeirinhas que tiveram suas terras inundadas em consequência da execução da obra da usina, também indenizou os proprietários das terras que tiveram parte de suas propriedades inundadas. De acordo com Pinto, “a maioria das áreas atingidas pelo alagamento do reservatório da usina eram áreas rurais e comunidades ribeirinhas, mas também alcançou o Distrito de Canela no município de Palmas e o Distrito de Luzimangues no município de Porto Nacional”. (2002, p. 103)

Luzimangues atualmente é uma cidade bastante povoada e como mencionado no início, vem crescendo de forma acelerada e por este motivo a

população está procurando seus direitos de emancipação política para torna-se uma cidade autônoma. O movimento de emancipação da cidade tem como principal representante o presidente da Frente Nacional de Vereadores Emancipacionistas (FNVE), Soares Filho.

O vereador Soares Filho (SD) está convicto de que a emancipação de Luzimangues é um bom negócio para Porto Nacional, Palmas e para o Tocantins, e principalmente para a população do distrito, que reclama da dificuldade de acesso a serviços públicos essenciais, como saúde, educação e transporte. “A gente entende que o alto índice de crescimento de Luzimangues vai levar inevitavelmente à sua emancipação. Não há outro caminho. A população quer ter esse direito de gerir o seu próprio destino”, defende o parlamentar. (Bucar, 2023)

Na pesquisa de campo realizada nessa comunidade de fala, observou-se que algumas regiões ainda são zonas rurais. Desse modo, esse fator talvez seja uma consequência do fato de Luzimangues ainda não ser cidade e por não ter autonomia para administrar o seu próprio espaço, algumas regiões ainda não são pavimentadas e nem denominadas como setores ou bairros. Observe nas imagens abaixo algumas regiões em que foi realizada a pesquisa que são zonas rurais:

Figura 4 - Regiões onde foi realizada a pesquisa em zonas rurais





Fonte: Elaboração própria

3.1. Escolha da comunidade de fala

Quanto à escolha da comunidade, é válido ressaltar que esta faz parte do objeto de estudo devido à importância de dar continuidade às pesquisas já realizadas sobre a mesma temática, uso da segunda pessoa no singular, no Estado do Tocantins inclusive em Porto Nacional -TO, do qual Luzimangues faz parte e, conseqüentemente, contribuir para o mapeamento sociolinguístico do Tocantins. Esse será, portanto, o primeiro estudo sociolinguístico realizado no Distrito de Luzimangues, sendo ainda, importante registrar as ocorrências dos usos pronominais da segunda pessoa do singular com a finalidade de registrar algumas características linguísticas dos falantes dessa comunidade e contribuir como registro para pesquisas linguísticas futuras na comunidade.

Para conseguirmos uma amostra representativa dessa comunidade se levou em consideração a idade do Distrito que no ano vigente tem 29 anos (criado pela lei municipal nº 1.415, de 18 de outubro de 1993). Nesse sentido, delimitamos o *corpus* de modo que pessoas maiores de idade que morassem na comunidade a no mínimo 6 anos pudessem participar da pesquisa. Conforme Braga e Mollica (2015, p. 119), “para esses resultados serem bastantes representativos, a fim de poderem ser aplicados a toda a população (que é constituída por todas as pessoas da comunidade), a amostra supõe certos requisitos.”

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolver esta etapa, é importante salientar, segundo Santos, Molica e Dias (2007, p. 123) que “o instrumento ideal de investigação é estipulado pelo pesquisador de acordo com os resultados que pretende atingir”. Sendo assim, mostra-se a seguir alguns passos metodológicos que serão explanados, de acordo com os objetivos que se pretende alcançar com esta pesquisa empírica, que tem como finalidade analisar o uso dos pronomes da segunda pessoa do singular e a ocorrência do preconceito linguístico em relação às variantes dessas formas na comunidade de fala Luzimanguense.

Ademais, para explicar-se alguns fatores que influenciam na variação linguística no uso da segunda pessoa do singular como a escolaridade, grau de intimidade, sexo entre outros, dentre os principais autores iremos citar Mollica e Braga (2015).

4.1. Seleção dos participantes

O método utilizado para coleta de dados dessa pesquisa foi a observação direta dos participantes da comunidade de fala escolhida. No entanto, antes de realizar a coleta de dados foi necessário delimitar o *corpus* desta pesquisa quanto ao número de falantes que foram observados e a seleção desses falantes quanto ao gênero/sexo, idade, escolaridade e tempo que moram na comunidade.

Para isso, foi utilizado o método aleatório estratificado que consiste em dividir os falantes em grupos homogêneos com as mesmas características quanto ao sexo, idade e escolaridade (Braga; Mollica, 2015, p.121). Ainda vale destacar que o número ideal para uma pesquisa satisfatória segundo as autoras é de 5 falantes por células sociais (categorias que caracterizam os informantes). No entanto, levando em consideração o tempo para realização deste estudo, o número por célula social de falantes foi o mínimo de 1 conforme o quadro abaixo:

Quadro 2 - Estratificação dos falantes

SEXO	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
IDADE	ESCOLARIDADE					
	Fundamental		Médio		Superior	
18-30	1	1	1	1	1	1
31-49	1	1	1	1	1	1
+ 50	1	1	1	1	1	1
TOTAL	18					

Fonte: Elaboração Própria

Destarte, na pesquisa sociolinguística mesmo a coleta de dados sendo feita apenas com alguns informantes da comunidade, os resultados no final se tornam demasiadamente significativos a depender da variável que está sendo estudada. No caso dos pronomes da segunda pessoa do singular são variáveis bastante recorrentes na fala dos indivíduos. Segundo, Mollica e Braga (2015, p. 119),

uma vez escolhida a comunidade em que se desenvolverá a pesquisa, depara-se com o fato de que sua população é, talvez, demasiadamente grande para ser estudada por inteiro. Rara é a comunidade tão pequena a ponto de ser possível contactar todos os seus indivíduos como informantes. Devem, pois, ser selecionados alguns falantes que constituíram a amostra. Os resultados de análises realizadas serão então relativos a essa amostra.

Este estudo constitui uma amostra da comunidade de fala Luzimanguense de 19 participantes, sendo 10 mulheres e 9 homens. A princípio, o quantitativo de amostras seria apenas de 9 mulheres e 9 homens, porém, eventualmente teve-se um contratempo na categoria de pessoas com mais de 50 anos com ensino superior. Não encontramos pessoas que se enquadram nessa categoria e que morassem na comunidade há pelo menos 6 anos, encontrou-se uma falante no qual está na comunidade há 5 anos, antes morava em Palmas, também, encontrou-se outra falante que mora na comunidade há 22 anos e tem curso técnico. Dessa forma, nessa categoria optou-se por selecionar duas participantes.

Todos os registros foram significativos e utilizou-se todos para análise, para isso, levou-se também em consideração nas análises os usos dos pronomes da segunda pessoa do singular de forma explícita e implícita.

Conforme as células sociais no quadro 2, em relação aos níveis de escolaridade “completos ou incompletos” foram selecionados 6 falantes com ensino fundamental, 6 falantes com ensino médio e 7 falantes no nível superior.

Quadro 3 - Ficha social dos falantes de Luzimangues

Participante	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
e	M	18-30 (1)	Fundamental (E)
i	M	31-49 (2)	Fundamental (E)
l	M	+50 (3)	Fundamental (E)
a	F	18-30 (1)	Fundamental (E)
n	F	31-49 (2)	Fundamental (E)
u	F	+50 (3)	Fundamental (E)
o	M	18-30 (1)	Médio (D)
g	M	31-49 (2)	Médio (D)
d	M	+50 (3)	Médio (D)
z	F	18-30 (1)	Médio (D)
v	F	31-49 (2)	Médio (D)
m	F	+50 (3)	Médio (D)
c	M	18-30 (1)	Superior (U)
r	M	31-49 (2)	Superior (U)
b	M	+50 (3)	Superior (U)
j	F	18-30 (1)	Superior (U)
x	F	31-49 (2)	Superior (U)
q	F	+50 (3)	Superior (Téc.)
h	F	+50 (3)	Superior (U)

Fonte: Elaboração própria

4.2. Variável e variantes linguísticas

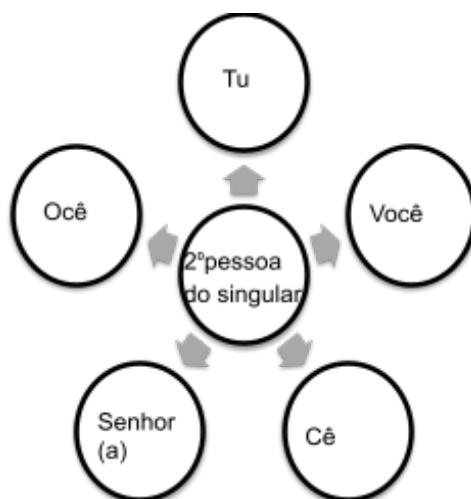
Os estudos na Sociolinguística não são analisados somente do ponto de vista das regras gramaticais, metódicas, o que se busca compreender nessas análises sociolinguísticas são os fenômenos de regras variáveis que permitem o uso de

variantes com o mesmo sentido em contextos diferentes, ou seja, variantes sinônimas como os pronomes da segunda pessoa do singular *tu* e *você*. Consoante a isso, para entender o que são *variantes* e *variáveis*, Tarallo (1986, p. 8) explica que,

em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Como referimos anteriormente, essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

Assim, compreende-se que a variável corresponde a uma classificação gramatical, como os pronomes da segunda pessoa do singular *tu*, *você*, *cê*, *ocê* e *senhor(a)*. Assim, tem-se:

Figura 5 - Variante dependente



Fonte: Elaboração própria

Essa variável e suas variantes são dependentes das variáveis sociais/fatores extralinguísticos e das variáveis linguísticas/fatores linguísticos. Elas são dependentes porque são esses fatores extralinguísticos e linguísticos que influenciam na probabilidade de uso de uma variante ou outra em determinado contexto.

4.3. Variáveis sociais

Na pesquisa sociolinguística, ao delimitar o *corpus* se leva em consideração alguns fatores extralinguísticos, ou seja, que são externos à língua, às variáveis sociais como as mencionadas anteriormente e que foram utilizadas para

estratificação dos falantes, sexo, idade e escolaridade. Nesse sentido, “é o controle rigoroso desses fatores que permite ao linguista sugerir em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “rival(is)”.” (Coelho, et al, 2008, p. 28)

Dessa forma, é interessante apontar a relevância da escolha desses fatores quanto às suas influências no uso das variantes pronominais da segunda pessoa do singular pelos falantes, visto que, “são bastante avançados os estudos que correlacionam as variáveis sexo, idade, escolaridade e classe social, dentre outras, a fenômenos de uso na fala e na escrita” (Braga; Mollica, 2015, p. 27), inclusive a questões de mudanças linguísticas.

a) Variável sexo

Apresenta-se, primeiramente, a questão da variável sexo, observa-se que estudos registram que as mulheres costumam utilizar com mais frequência do que os homens as variantes de prestígio e se corrigem mais, além disso, também estão a frente dos homens no processo de mudança linguística. Na pesquisa de Labov (2008[1972]) sobre o inglês de Nova York, constatou-se que a forma inovadora retroflexa do [r] pós-vocálico era mais usada pelas mulheres (Braga; Mollica, 2015, p. 36).

A diferenciação sexual dos falantes não é, portanto, somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecida por eles, mas, sim, uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro. Em Martha's Vineyard, os homens falam mais "com a boca fechada" do que as mulheres e usam mais áreas contraídas do espaço fonológico. Reciprocamente, as mulheres na cidade de Nova York e na Filadélfia usam áreas mais amplas do espaço fonológico do que os homens., com abertura e arredondamento dos lábios mais extremos para as vogais, e mais africacão e palatalização para as consoantes. (Labov, 2008[1972], p. 348-349)

Assim, é possível perceber que as pesquisas do sociolinguista Labov comprovam que a variável sexo é significativa na análise da variação linguística.

b) Variável escolaridade

Em relação à variável escolaridade, percebe-se que os indivíduos mais escolarizados que frequentaram a escola e tiveram acesso às formas de prestígios falam diferente dos indivíduos menos escolarizados, ou seja, daqueles que interromperam os estudos por algum motivo ou dos que nunca frequentaram a

escola. Nesse sentido, essa variável influencia no uso de variantes linguísticas como no caso dos pronomes da segunda pessoa do singular “Tu”, “Você” e suas variantes.

Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso da variedade padrão da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como *nós vai* ou *a gente vamos*, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem *nós vamos* e *a gente vai*. (Coelho, et al, 2010, p. 78)

c) Variável faixa etária

Em relação à variável idade, observa-se a partir de estudos já realizados que o fator faixa etária não pode ser desconsiderada das pesquisas sociolinguísticas, visto que, essa variável também tem fortes influências em relação a mudança linguística.

De início, podemos querer saber se a centralização varia com a faixa etária do falante. A tabela 1.2 indica que sim. A centralização de (ay) e (aw) parece exibir um aumento regular em faixas etárias sucessivas, alcançando um pico no grupo de 31 a 45 anos. Temos agora de examinar as razões para considerarmos esse padrão como uma evidência de mudança histórica no desenvolvimento de Martha's Vineyard.

[...]

Primeiro, os registros do LANE mostram apenas centralização moderada de (ay) para os quatro informantes de 1933, com idade entre 56 e 82 anos.

[...]

Em segundo lugar, o caso de (aw) é conclusivo. Os informantes do LANE tinham um índice médio de 06 para (aw): ou seja, para efeitos práticos, zero.

[...]

O fato de ser mínimo o percentual de centralização para os muito velhos e para os muito jovens mostra que o efeito da idade não pode ser inteiramente descartado e que, de fato, pode ser um fator secundário na distribuição pelas faixas etárias. (Labov, 2008[1972], p. 41-44)

Ainda segundo Mollica e Braga (2015, p. 45-46), essa pesquisa em Martha's Vineyard, ilha situada na costa de Massachusetts nos Estados Unidos revelou que as pessoas mais velhas utilizavam mais a forma original não centralizadas dos ditongos (ay) e (aw) e os mais jovens estavam utilizando mais centralizada. Sendo assim, segundo essa pesquisa os mais velhos tendem a utilizar formas mais antigas enquanto os jovens utilizam formas mais novas, evidenciando assim que a variável faixa etária influencia na variação linguística.

d) Variável região

Na região de Luzimangues está localizada a TO-080 que perpassa no meio da comunidade fazendo ,assim, uma divisão entre lado sul e lado norte da cidade.

Partindo dessa característica alguns falantes da comunidade se referem ao lado norte como Luzimangues Velho porque os primeiros assentamentos de povoados iniciaram desse lado e o outro lado se referem como Luzimangues Novo. Dessa forma, analisou-se as escolhas linguísticas entre os falantes das duas regiões para registrar a distinção de escolhas pelos falantes das formas pronominais da segunda pessoa do singular.

Figura 6 - Regiões pesquisadas: Luzimangues Velho (Norte) e Luzimangues Novo (Sul)



Fonte: Elaboração própria

4.4. Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas, internas a língua, estritamente linguísticos, também são fatores condicionantes na ocorrência ou não de determinadas variantes. Assim, a depender da variável dependente que está sendo estudada, nesse caso específico são os pronomes da segunda pessoa do singular, o investigador escolhe algumas variáveis linguísticas determinantes para investigar o fenômeno da variação da variável. Para esse estudo, selecionou-se para analisar as seguintes variáveis linguísticas: tempo verbal; colocação dos pronomes *tu*, *você*, *cê* e *ocê* como sujeito implícito ou explícito e função sintática dos pronomes como sujeito/não sujeito.

a) Tempo verbal

Na pesquisa empírica com os falantes Luzimanguense, identificou-se que a maioria dos pronomes da segunda pessoa do singular entre *tu*, *você* e suas variantes estão acompanhados dos verbos no presente do indicativo, pretérito

perfeito e imperfeito, futuro, gerúndio e infinitivo. Com base nisto, observe os seguintes trechos com essas ocorrências:

Ex.: 1 - Falante j (F1U): — **Você** olhando de fora e hoje, **você** vivenciando, vivendo [...] (gerúndio)

Ex.: 2 - Falante k (F1D): — Se **tu** tivesse correndo pra ir triscar na árvore pra dizer “1, 2, 3 salve eu” ... (pretérito imperfeito do modo subjuntivo)

Ex.: 3 - Falante d (M3D): — **Cê** virou à esquerda... (pretérito perfeito do indicativo)

Ex.: 4 - Falante m (F3D): — **Você** compraria frango em pedaços, ou frango inteiro... (futuro do pretérito do indicativo)

Ex.: 5 - Falante a (F1E): — Nossa Deus! **Tu** acredita que saiu por acaso?... (presente do indicativo)

Ex.: 6 - Falante o (M1D): — eu ia te ensinar bater pênalti, escolher tu bater, o jeito de bater com pé para a bola ir certo no canto certo. (infinitivo)

O objetivo em relação a essas variáveis é analisar os efeitos de favorecimentos e desfavorecimentos dos usos das formas pronominais da segunda pessoa do singular em relação a essas variáveis linguísticas, para isso apresentaremos os dados codificados no programa GOLDVARB X. O que se percebeu de início é que 100% dos usos da forma pronominal *tu* a concordância verbal é inexistente o que, de certo modo, influencia no grau de estigmatização que essa variante sofre. Alguns falantes são conscientes da utilização do pronome sem a conjugação e por isso acham a forma ruim porque não é utilizada da forma “correta” conforme a norma padrão-culta, já outros falantes simplesmente acham a forma feia ou ruim. Observa-se, as respostas dos falantes, a seguinte pergunta:

Quais dessas formas acha feia ou ruim? Ou não acha nenhuma feia ou ruim?

Ex.: 7 - (M3U) — “Mas, faz parte do nosso vocabulário da nossa gramática, é... o Paraense por exemplo ele usa muito o “**tu és**”, ele usa muito, né. Já o Nordestino, o maranhense fala muito bem, o maranhense, ele usa a forma correta. Já o

tocantinense, ele é terrível ... no verbo, não conjuga o verbo, ele fala muito mal, o tocantinense, mal mesmo.”

Ex.: 8 - (F3U) — *“Mas, vem um do Sul pra cá, de Minas pra esses lados aí **“tu fostes, tu não sei o que”** de, do Sul eles só falam assim, então a gente já quando ver as pessoas falarem, é do Sul. Mas, a gente não tem o costume de tá falando **tu, tu, tu.** Falo com alguém assim mais distante, alguém que não mais o próximo.”*

Ex.: 9 - (F3E) — *“**Tu!** Eu acho muito feio chamar **tu.**”*

Ex.: 10 - (M2D) — *“**Tu!** Apesar de poder ser que seja correto, mas eu acho um pouco “vulgar” vamos dizer assim entre aspas.”*

b) Sujeito implícito ou explícito: tu, você, cê e ocê

Essa variável linguística selecionada contribui para a identificação dos pronomes utilizados de forma não só explícita, mas também implícita, visto que, muitos falantes utilizam bastantes as formas pronominais de modo implícito e um falante utilizou 100% os pronomes de modo implícito, enquanto outro falante utilizou apenas 1 vez um pronome de forma explícita. Além disso, a depender da variante utilizada na frase anterior, na frase seguinte tem-se a mesma variante, mesmo que de forma implícita. O que pode acontecer é ter-se duas variantes diferentes entre uma frase com pronome implícito, assim não é possível identificar qual seria a variante implícita da frase. Veja alguns exemplos:

Ex.: 11 - (M2E) — *“É, dor de coluna. Esses dias eu descobrir um remédio, é a gengibre, só pega ela e mastigar”*

Ex.: 12 – (M3U) — *Aí, **você** coloca pra engrossar, coloca esse caldo na panela e engrossa e se precisar pra engrossar mais **cê** põe mais trigo mais leite com trigo, aí vai passando leite, vai botando...sei que **você** cozinha esse caldo com esse leite, cozinha até engrossar.*

No exemplo 11 a ocorrência do uso pronominal é totalmente implícita porque não há utilização de nenhuma das variantes antes ou depois dessa frase. Já no exemplo 12, a não identificação das formas pronominais diante das formas verbais *coloca, vai passando, vai botando* é devido a presença de variantes diferentes, *você*

e *cê*, antes e depois da frase em que há o pronome implícito, então conclui-se que não dá pra estabelecer qual seria as formas pronominais utilizadas antes dessas formas verbais, mas que há a presença da variante dependente implicitamente.

c) Função sintática do pronome (sujeito/não sujeito): *tu*, *você*, *cê* e *ocê*

A função sintática indica quem pratica ou sofre a ação. Nesse sentido, é significativo analisar essas alternâncias, a frequência em que elas ocorrem e entender a contribuição para o favorecimento ou não do uso das formas pronominais da segunda pessoa do singular. Assim, tem-se as seguintes falas registradas que marcam os pronomes não só na função de sujeito, mas também na função de não sujeito:

Ex.: 13 – (F1D) — “as pessoas que tipo, só triscar-se em **tu**.” (não sujeito)

Ex.: 14 – (F1D) — “quem ia contar lá era **tu**.” (não sujeito)

Ex.: 15 – (F2U) — “aí tipo uma vez era eu, outra vez é **você**.” (não sujeito)

4.5. Pesquisa quantitativa

A metodologia de análise dos dados dessa pesquisa a caracteriza quanto a natureza da abordagem como quantitativa, visto que, além do levantamento de informações por meio da pesquisa exploratória e bibliográfica, na análise dos dados coletados sobre o uso das formas pronominais da 2ª pessoa do singular, foram utilizados dados numéricos para averiguar a frequência de uso dessas formas pronominais pelos falantes da comunidade Luzimanguense, com a finalidade de compreender com mais clareza a variação linguística em relação ao uso das variantes dessa variável. Tarallo (1986, p. 8) também afirma que “o modelo de análise linguística proposto por Labov é também rotulado por alguns de “sociolinguística quantitativa”, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados.”

4.6. Entrevista sociolinguística

Para coleta de dados na comunidade luzimanguense realizou-se uma pesquisa exploratória por meio da aplicação de questionário em entrevistas

individuais, assim foi feito o contato direto com todos os participantes. A esse formato de interação direta com o participante se dá o nome de entrevista sociolinguística.

O propósito de método entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. De gravador em punho, o pesquisador-sociolinguística, como afirmamos, deve coletar: 1. Situações naturais de comunicação linguística e 2. Grande quantidade de material, de boa qualidade sonora. (Tarallo, 1986, p. 21)

Utilizou-se dois questionários, um para preencher a ficha social do participante e outro para coleta de dados, conforme o interesse da nossa pesquisa, ou seja, coletar amostras dos usos das formas pronominais da segunda pessoa do singular. Pois, segundo Coelho,

é recomendado que se utilize, ainda, uma ficha social para cada informante, na qual serão registrados dados de identificação, informações relativas ao contexto da entrevista, tais como descrição do local e do tipo de interação entrevistador/informante, ou outras observações julgadas relevantes. (2010, p. 119)

Para obter dados significativos, utilizou-se como estratégia perguntas por meio de questionário que envolvessem os falantes a fazerem relatos de experiências pessoais, assim “o falante deixa de prestar atenção no *como diz* para ficar atento a o *que diz*.” (Coelho, 2010, p.116).

O método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada. A fala da entrevista é fala formal- não por qualquer medida absoluta, mas em comparação com o vernáculo da vida cotidiana. Em seu conjunto, a entrevista é uma fala pública- monitorada e controlada em resposta à presença de um observador externo. (Labov, 2008[1972], p. 63)

Labov (2008[1972], p. 244) ainda afirma que quaisquer outros métodos que sejam utilizados para obtenção da amostra de dados, como sessões em grupos ou observações anônimas, nenhum desses será suficiente quanto a entrevista individual, gravada, para coleta de bons dados da fala, tanto em quantidade como em qualidade.

Quadro 4 - Questionário para preenchimento da ficha social

Sexo	F ou M
Estado Civil	Casado ou Solteiro
Local de Nascimento	Cidade/UF
Data de Nascimento	Dia/mês/ano
Profissão	Xxxxxxxxxxx
Escolaridade	Fundamental; médio ou Superior
Zona de residência	Urbana ou rural
Morou em outros lugares	Sim ou não (Se sim, quais e quanto tempo permaneceu?)
Tempo que mora na comunidade	Xxxxxxxxxxx
Contato com pessoas de outras localidades	Grande; médio; escasso; nulo
Ouve rádio	Sim ou não (Se sim quais?)
Ver televisão	Sim ou não (Se sim quais programas?)
Lê livros	Sim ou Não (Se sim o que mais gosta de ler?)
Onde nasceu a Mãe e onde mora atualmente?	Cidade/UF
Onde nasceu o Pai e onde mora atualmente?	Cidade/UF
Onde nasceram avós maternos	Cidade/UF
Onde nasceram avós paternos	Cidade/UF
Nome da esposa/esposo; local de nascimento; morou em outros lugares	Xxxxxxxxxxx
Tem filhos	Sim ou não (Se sim quantos? Já estudou fora?)
Grau de contato dos filhos e da esposa com pessoas de outras localidades	Grande; médio; escasso; nulo

Fonte: Elaboração própria

Quadro 5 - Questionário utilizado para coleta de dados (uso das formas pronominais da segunda pessoa do singular) na comunidade de fala luzimanguense

1) De que brincadeiras se brincava na sua infância? Explique-me o passo a passo de como se brinca disso.
2) Conhece alguma brincadeira que as crianças brincam hoje em dia? Poderia me explicar como se brinca disso?
3) Sabe alguma receita de culinária e/ou remédios caseiros do dia a dia ou de família? Como faço essa receita?
4) Sabe tocar algum instrumento musical? Pode me ensinar as primeiras etapas para aprender tocar esse instrumento?
5) Pergunte para mim se eu: a) Sou casada: b) Sou professora: c) Sou feliz: d) Tenho filhos: e) Gosto de viajar: f) Gosto de diversões: g) Moro em Luzimangues:
6) Qual das formas da segunda pessoa do singular costuma usar para falar com um amigo ou uma amiga? a) Tu b) Você c) Cê d) Ocê e) Senhor(a)
7) Qual das formas costuma usar para falar com seu pai ou sua mãe? a) Tu b) Você c) Cê d) Ocê e) Senhor(a)
8) Qual das formas costuma usar para falar com alguém superior (um chefe, por exemplo)? a) Tu b) Você c) Cê d) Ocê e) Senhor(a)
9) Qual das formas acha mais bonita? a) Tu b) Você c) Cê d) Ocê e) Senhor(a)
10) Qual dessas formas acha feia ou ruim? a) Tu b) Você c) Cê d) Ocê e) Senhor(a) f) não acha nenhuma feia ou ruim
11) Como faço para chegar a um dos supermercados de Luzimangues (por exemplo, o Bem Barato ou Rede 3)?
12) Tem algum restaurante próximo daqui? Como faço para chegar lá?

Fonte: Elaboração própria

As perguntas de 1 a 5 corroboram com as colocações de Coelho (2010) e Labov (2008[1972]) mencionadas anteriormente, pois induz o participante a se envolver no diálogo ao compartilhar suas vivências. Já, a partir da questão 6 o participante é confrontado ao teste de atitude/avaliação ao ter que avaliar sua própria fala, aqui é possível identificar a ocorrência do preconceito linguístico consciente e inconsciente dos falantes. Segundo Coelho (2010, p. 33), “os resultados de alguns testes têm mostrado que, apesar de os falantes diagnosticarem certos usos como “feios ” ou “errados ”, isso não significa que não fazem uso deles. Muitas vezes, esse uso se dá inconscientemente.

4.7. Transcrição e codificação

Após a coleta de dados, foi realizada por meio das entrevistas individuais, com gravador de voz para captar a fala do indivíduo. A próxima etapa foi transcrever a fala dos participantes para depois codificar os dados e analisá-los.

Codificar os dados é criar códigos entre letras e números para cada célula/fator de cada grupo de fatores extralinguísticos e linguísticos escolhidos para análise estilística na pesquisa.

Quadro 6 - Codificação: variável dependente e grupos de fatores

	Variável Dependente	
Variável	Variantes	Códigos
Segunda Pessoa do Singular	Tu	T
	Você	V
	Ocê	O
	Cê	C
	Variáveis Independentes	
Grupo de Fatores	Fatores	Códigos
Região	Luzimangues Novo	S
	Luzimangues Velho	N
Sexo	Masculino	M
	Feminino	F
Faixa etária	I (18-30 anos)	1
	II (31-50 anos)	2
	III (+50)	3
Grau de escolaridade	Ensino fundamental	E
	Médio	D
	Universitário	U
Preenchimento do sujeito	Sujeito explícito	e
	Sujeito implícito	i
Tempo verbal	Presente do indicativo	Z
	Pretérito perfeito	w
	Pretérito imperfeito	x
	Locução verbal	+
	Gerúndio, infinitivo e futuro	R
Função sintática	Sujeito	J
	Objeto	D

Fonte: Elaboração própria

Após a codificação da variável dependente e suas variantes e dos fatores extralinguísticos e linguísticos, a próxima etapa foi aplicar os códigos na amostra delimitada, ou seja, nas frases em que houve a ocorrência dos usos pronominais da 2ª pessoa do singular. Assim, tem-se o seguinte exemplo da aplicação das codificações aplicando os códigos do quadro 6.

Quadro 7 - Codificação das amostras

Codificação	Amostras/Ocorrências
CNM3DeZJ	Cê compra a... a... aquela carne com a “pelezinha” né que é uma carne de segunda
CNM3DiZJ	coloca ela pra secar pra murchar pra se tornar uma carne de sol

Fonte: Elaboração própria

Como o número de dados coletado é muito grande de acordo o número de variáveis independentes testadas e a quantidade de informação associada a cada dado, optou-se por utilizar na pesquisa sociolinguística algum pacote estatístico que calcule percentuais, nesse estudo em específico, utilizou-se o GoldVarb X para registrar os percentuais de ocorrências das formas pronominais e os fatores que inferem nessas variações linguísticas nas falas dos falantes luzimanguense.

Destarte, como em toda pesquisa há desafios, como pesquisadores sociolinguísticos busca-se observar o “vernáculo” dos falantes para entender a língua e a sociedade que estão diretamente conectadas. No entanto, deve-se ater com o “paradoxo do observador”, apontado por Labov (2008 [1972]), visto que, “o objetivo da pesquisa lingüística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Neste capítulo, serão apresentados os resultados das análises dos dados, referentes à variação dos pronomes *tu*, *você*, *cê* e *ocê*, aqui descritos e analisados sob a abordagem da Sociolinguística Variacionista.

Tão importante quanto a coleta, o tratamento e as análises dos dados é a apresentação dos resultados. Após submeter os dados às várias rodadas estatísticas no Programa GoldVarb X, obteve-se os resultados de todos os grupos de fatores estratificados para esse estudo, de acordo com os quais foram cuidadosamente analisados.

Apresenta-se, nesta seção, os grupos de fatores selecionados como significativos e, quando necessário, comparações dos resultados deste estudo com outras pesquisas já realizadas sobre esse fenômeno. Os resultados dos dados são apresentados em tabelas, gráficos e cartas linguísticas.

Primeiro, disserta-se sobre os grupos de fatores os sociais e finaliza-se esta seção, com o grupo de fatores linguísticos que foram selecionados pelo programa, como estatisticamente relevantes para a explicação da variação do *tu*, *você*, *cê* e *ocê* na fala da comunidade luzimanguense e tecem-se considerações acerca dos fatores que não foram selecionados pelo programa, mas que, de alguma forma, contribuem para o entendimento desta variação.

5.1. Resultados Gerais

Foram computados pelo programa estatístico GoldVarb X, um total de 474 ocorrências de uso dos pronomes *tu*, *você*, *cê* e *ocê* referente a região do Distrito de Luzimangues, Porto Nacional – TO.

O programa GoldVarb X selecionou quatro grupos de fatores como significativos e descartou três grupos. O primeiro grupo de fatores selecionado como significativo pelo programa foi a faixa etária; o segundo, Escolaridade; o terceiro, Preenchimento do sujeito e o quarto, Tempo verbal. Os grupos de fatores eliminados pelo programa foram: Sexo; Localidade e Função sintática. Esses grupos de fatores também serão analisados e apresentados os pesos relativos, conforme os resultados da primeira rodada do *step down*.

Com relação às apresentações dos resultados, optou-se por organizar da seguinte forma: Primeiro, as variáveis extralinguísticas e, em seguida, as variáveis linguísticas.

Das 474 ocorrências, 65 para o pronome *tu*, 266 foram para o pronome *você*, 138 para a variante *cê*, e 5 para a variante *ocê*, representando o percentual de 13,7% para o pronome *tu*, 56,1% para o pronome *você*, 29,1% para a variante *cê* e 1,1% para a variante *ocê*, conforme ilustram, a Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Distribuição geral de *tu*, *você*, *cê* e *ocê* na comunidade Luzimanguense

Variantes	Ocorrências	%
Tu	65	13,7
Você	266	56,1
Cê	138	29,1
Ôcê	5	1,1
Total	474	100

Fonte: Elaboração própria

Duas variáveis linguísticas controladas se mostraram estatisticamente relevantes para explicar a seleção do pronome – Tempo verbal e Preenchimento do sujeito– e duas das quatro variáveis sociais foram selecionadas pelo programa GoldVarb X como estatisticamente relevantes – Faixa etária e Escolaridade.

A seleção de dois fatores sociais e dois linguísticos, sinaliza o quão forte é a influência de fatores extralinguísticos e linguísticos na seleção dos pronomes pessoais *tu*, *você*, *cê* ou *ocê*.

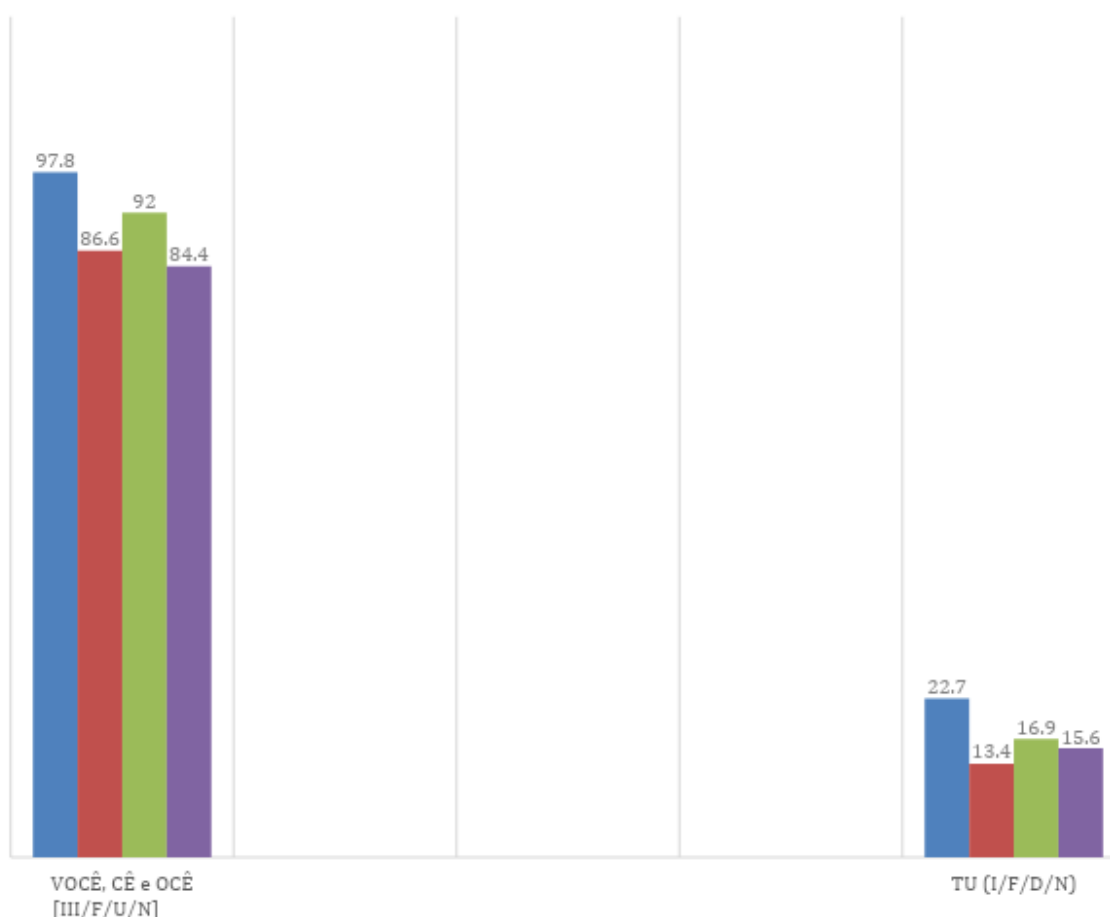
De um modo geral, tem-se um resultado que confirma a hipótese no sentido de que a fala da comunidade Luzimanguense, em especial a dos mais velhos do gênero feminino, universitárias e da região norte, favorecem o uso do pronome *você* e suas variantes *cê* e *ocê* que foram ²amalgamados para análise, em contraposição ao uso do pronome *tu*, tendo em vista que os resultados em relação às variáveis sociais apontam para percentuais acima de 83,4%. Há, portanto, uma forte

² Quando distinguimos, na codificação, fatores que não são estaticamente diferentes, temos uma redundância desnecessária na análise e uma violação do princípio da navalha de Occam. O desafio para o analista, nesse procedimento, é decidir **quais** fatores devem ser combinados. (GUY, 2007, p. 188)

tendência dos falantes luzimanguense do gênero feminino, faixa etária acima de 50 anos e com escolaridade superior, usar o *você* e *suas variantes*.

É importante esclarecer que a análise foi feita de forma selecionada das tabelas 3, 5, 7 e 9, levando em consideração, os números maiores de ocorrências relativos às variantes amalgamadas (*você*, *cê* e *ocê*) e a variante *tu*, mas selecionando para a análise seus respectivos percentuais de uso, conforme cada variável extralinguística, com a finalidade de identificar a variante mais utilizada e quais os fatores, as variáveis extralinguísticas que favorecem seu uso. No gráfico 1 trazemos essas informações:

Gráfico 1 - Distribuição das variantes amalgamadas *você*, *cê* e *ocê* vs *tu*

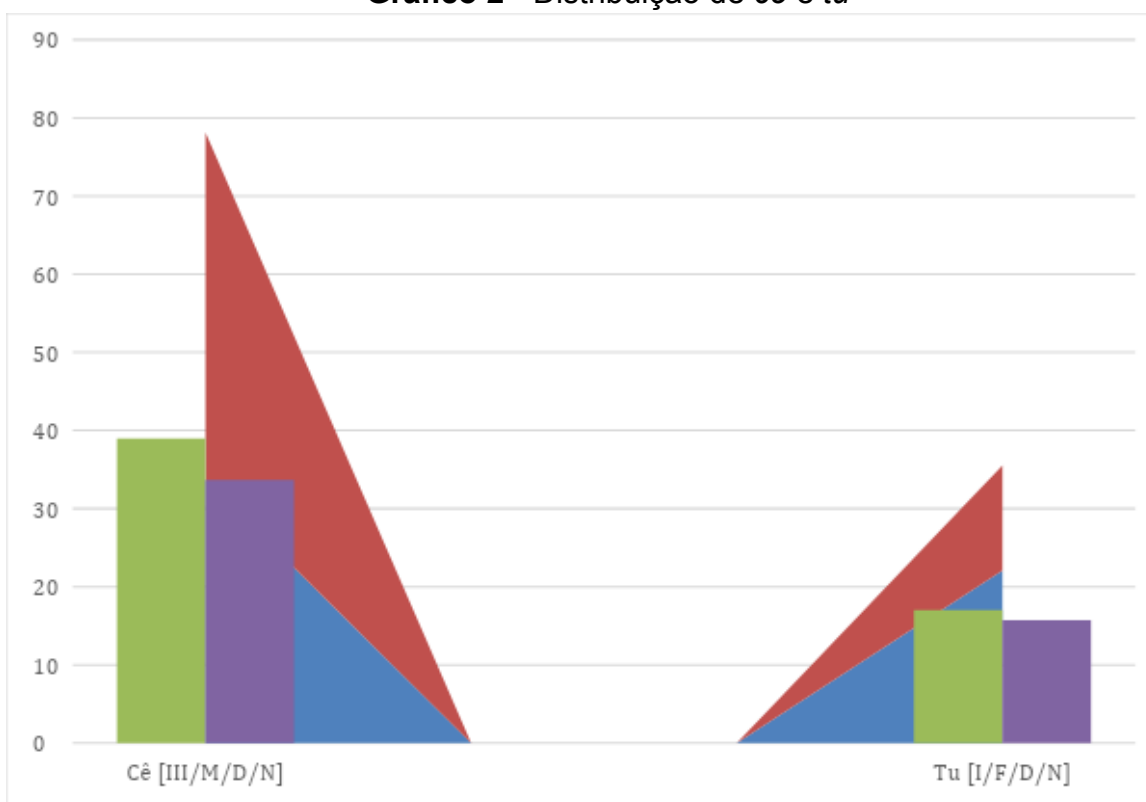


Fonte: Elaboração própria

Conforme se verá mais adiante, a variante *ocê* foi a mais desfavorecida em relação às variáveis linguísticas e extralinguísticas. Dessa forma, *você* e suas variantes é a forma mais utilizada pelo gênero feminino acima de 50 anos e com nível superior, sendo a variante *você* a que apresenta maior número de ocorrências

conforme a tabela 1. É importante entender em que nível de concorrência se encontra as formas *tu* e *cê*, e quais são as variáveis que mais influenciam o uso dessas formas, para isso seguiu-se a mesma estratégia de seleção de dados do gráfico 1 para analisar esse fenômeno de variação linguística, porém utilizando como referências para coleta dos dados as tabelas 2, 4, 6 e 8. Veja o gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2 - Distribuição de *cê* e *tu*



Fonte: Elaboração própria

Os dados mostram que as variáveis faixa etária III (+ 50), o sexo masculino, a escolaridade D (Ensino Médio) e a variável região Norte favorecem o uso da variante *cê*. Quanto a variante *tu* as variáveis faixa etária I (18-30), sexo feminino, escolaridade D (Ensino Médio) e a variável região favorecem o uso da variante *tu*.

5.2. Variáveis extralinguísticas

Nesta seção, trata-se das variáveis extralinguísticas consideradas para esse estudo, que são: Faixa etária, Escolaridade, Localidade e Sexo. Nesse contexto, primeiramente apresentamos o resultado do uso de *tu*, *você*, *cê* e *ocê* em relação aos aspectos sociais.

5.2.1. Variáveis sociais

A partir desse momento, apresenta-se os resultados das variáveis sociais selecionadas para esse estudo, tais como: sexo feminino e masculino, faixas etárias I: 18 a 30 anos; II: 31 a 49 e III: 50 anos acima e Escolaridade: Fundamental, Médio e Universitário e Localidade: Norte e Sul.

5.2.2. Variável Faixa etária

A variável faixa etária foi a primeira a ser selecionada como relevante pelo programa GoldVarb X para a análise do fenômeno. Os resultados para essa variável podem ser observados na Tabela 2 e 3.

Tabela 2 - Você, cê, ocê e tu em relação faixa etária

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TU	
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
I-18-30	125	58,7	1	0,5	40	18,8	47	22,1
II-31-49	26	33,8	1	1,3	36	46,8	14	18,2
III-+50	115	62,5	3	1,6	62	33,7	4	2,2

Fonte: Elaboração própria

A tabela 2 mostra a quantidade de ocorrência de cada variante de acordo com a faixa etária. O pronome *você* foi o mais utilizado por pessoas entre 18 a 30 anos e 50 anos acima. O pronome *ocê* foi o menos utilizado entre as três faixas etárias, demonstrando que na comunidade Luzimanguense esse pronome quase não é utilizado. O pronome *tu* e *cê* tem percentuais relativamente próximos em relação às faixas etárias I, porém na faixa etária III o percentual do pronome *tu* cai para 2,2%. Isso significa afirmar que entre os mais velhos a forma pronominal *tu* é mais estigmatizada por ser a menos utilizada, assim como o *ocê* aparece em todas as faixas etárias com percentual abaixo de 1,6%. Todavia, percebe-se que entre os jovens da faixa etária I o *tu* é o segundo mais utilizado na comunidade com um percentual de 22,1%.

Considerando que na faixa etária I e III os maiores percentuais de uso favorecem a variante *você*, pode-se concluir que esse pronome tem maior concorrência com as variantes, *cê* e *tu*, na faixa etária II, mas, ainda assim o *cê* e o

tu, também se apresentam como concorrentes significativos de *você* na faixa etária I.

Tabela 3 - Dados amalgamados *você, cê, ocê* vs *tu* em relação à faixa etária

VOCÊ, CÊ e OCÊ				TU		
Faixa etária	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
18- 30	166	77,9	0.220	47	22,1	0.780
31-49	63	81,8	0.347	14	18,2	0.653
+50	180	97,8	0.849	4	2,2	0.141
Total	409			65		

Fonte: Elaboração própria

Observa-se na tabela 3 que o peso relativo do uso do pronome *tu* foi maior nas duas primeiras faixas etárias (I e II) em relação ao uso das suas concorrentes as formas pronominais *você, cê* e *ocê* que foram amalgamadas.

5.2.3. Variável escolaridade

A variável escolaridade foi a segunda a ser selecionada como relevante pelo programa Goldvarb X para a análise do fenômeno. Os resultados para essa variável podem ser observados na Tabela 4 e 5.

Tabela 4 - *Você, cê, ocê* e *tu* em relação à escolaridade

Escolaridade	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TU	
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
Fundamental	17	25,8	3	4,2	30	45,5	16	24,2
Médio	80	44,0	0	0,0	71	39,0	31	17,0
Universitário	169	74,8	2	0,9	37	16,4	18	8,0

Fonte: Elaboração própria

Os resultados da tabela 4 mostram que a variante *você* é mais utilizada por universitários com 74,8% de ocorrências. Confirmando, que o grau de escolaridade têm maior influência no uso da variante-padrão, como é possível perceber, o número de ocorrências nessa forma pronominal vai aumentando conforme o grau de

escolaridade. A forma *ocê* em relação a essa variável social ainda continua sendo a menos utilizada pela comunidade. Já as variantes *cê* e *tu* tem ocorrências significativas no ensino fundamental e médio sendo 42,3% no ensino fundamental para *cê* e 31% no médio, para *tu* tem-se 29,6% de ocorrências no ensino fundamental e 17% no ensino médio.

Tabela 5 - Dados amalgamados *você, cê, ocê* vs *tu* em relação à escolaridade

VOCÊ, CÊ e OCÊ				TU		
Escolaridade	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Fundamental	50	75,8	0.263	16	24,2	0.737
Médio	152	83,1	0.386	31	16,9	0.614
Universitário	207	92	0.664	18	8	0.336
Total	409			65		

Fonte: Elaboração própria

O peso relativo em relação ao ensino fundamental e médio tem uma marcação maior para *tu* com 0.737 no ensino fundamental e 0.614 no ensino médio, favorecendo o uso dessa variante. Já no nível universitário o peso relativo é maior para as variantes *você, cê* e *ocê* com percentual de 92% para ocorrências com essas formas pronominais.

5.2.4. Variável Localidade

A variável localidade não foi selecionada como relevante pelo programa GoldVarb X para a análise do fenômeno, mas, de alguma forma, essa variável contribui para o entendimento da variação linguística. Os resultados para essa variável podem ser observados na Tabela 6 e 7.

Tabela 6 - *Você, cê, ocê* e *tu* em relação a localidade

Localidade	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TU	
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
Norte	163	49,1	5	1,5	112	33,7	52	15,7
Sul	103	72,5	0	0,0	26	18,3	13	9,2

Fonte: Elaboração própria

O comportamento dessas variantes em cada localidade (norte e sul) de Luzimangues são iguais se comparados em relação a ordem de posição que cada uma ocupa referente ao percentual de uso, ou seja, em primeiro lugar na região norte e sul tem-se o favorecimento da variante *você* com 49,1% na região norte e 72,5% das ocorrências na região sul; em segundo lugar a variante *cê* com 33,7% na região norte e 18,3% das ocorrências na região sul; em terceiro lugar a variante *tu* com 15,7% na região norte e 9,2% das ocorrências na região sul e; a mais desfavorecida nas duas regiões é a variante *ocê* com apenas 1,5% das ocorrências na localidade norte e um nocaute, de 0 ocorrência na localidade sul.

Na tabela 7 percebeu que o peso relativo para as variantes amalgamadas *você*, *cê* e *ocê* é mais recorrente na localidade sul, enquanto o *tu* é mais recorrente na localidade norte.

Tabela 7 - Dados amalgamados *você*, *cê*, *ocê* vs *tu* em relação a localidade

VOCÊ, CÊ e OCÊ				TU		
Região	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Norte	281	84,4	0.456	52	15,6	0.544
Sul	128	90,8	0.603	13	9,2	0.397
Total	409			65		

Fonte: Elaboração própria

5.2.5. Variável Sexo

A variável sexo também não foi selecionada como relevante pelo programa GodVarb X para a análise do fenômeno, mas, de alguma forma essa variável pode contribuir para o entendimento da variação linguística. Os resultados para essa variável podem ser observados na Tabela 8 e 9.

Tabela 8 - *Você*, *cê*, *ocê* e *tu* em relação ao sexo

Sexo	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TU	
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
Masculino	73	38,2	4	2,0	87	45,5	27	14,1
Feminino	193	68,2	1	0,4	51	18,0	38	13,4

Fonte: Elaboração própria

Como já foi observado aqui, muitas pesquisas registram que as mulheres utilizam com mais frequência as variantes-padrão, de prestígio. Essa informação é ratificada pelo resultado obtido de 68,2% de ocorrências do uso da variante *você* pelas mulheres luzimanguense em comparação com 38,2% de ocorrências registrado pelos homens, obtendo-se assim um percentual de favorecimento maior de uso da variante *você* pelas mulheres com 30% de diferença em relação ao uso dessa variante pelos homens. Ainda, o mesmo pode ser confirmado quando observado o peso relativo das variantes amalgamadas, *você*, *cê* e *ocê* com 0.506 favorecendo o uso dessas variantes pelas mulheres.

Tabela 9 - Dados amalgamados *você*, *cê*, *ocê* vs *tu* em relação ao sexo

VOCÊ, CÊ e OCÊ				TU		
Sexo/Gênero	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Masculino	164	85,9	0.491	27	14,1	0.509
Feminino	245	86,6	0.506	38	13,4	0.494
Total	409			65		

Fonte: Elaboração própria

5.3. Variáveis linguísticas

Selecionamos para essa análise três grupos de fatores linguísticos que são: Tempo verbal, preenchimento do sujeito e função sintática. Dessa forma, com o objetivo de observar os contextos linguísticos propícios ou não para a ocorrência de cada uma das variantes *você*, *cê*, *ocê* e *tu*.

5.3.1. Variável Tempo verbal

A variável tempo verbal foi a quarta selecionada como relevante pelo programa GoldVarb X, para a análise do fenômeno da variação linguística de *tu*, *você*, *cê* e *ocê*. Os resultados para essa variável podem ser observados na Tabela 10 e 11.

Tabela 10 - Você, cê, ocê e tu em relação ao tempo verbal

Tempo Verbal	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TU	
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
Presente do indicativo	200	59,2	4	1,2	97	28,7	37	10,9
Pretérito perfeito	13	48,1	0	0,0	6	22,2	8	29,6
Pretérito imperfeito	5	29,4	1	5,9	2	11,8	9	52,9
Locução verbal	26	55,3	0	0,0	19	40,4	2	4,3
Gerúndio, infinitivo e futuro	22	48,9	0	0,0	14	31,1	9	20

Fonte: Elaboração própria

Com relação ao tempo verbal a variante *você* tenderá a uma maior marcação quando acompanhada do verbo no presente do indicativo por ter marcado 200 ocorrências conforme essa regra variável. As variantes *tu* e *cê* também tiveram marcações maiores nesse fator (presente do indicativo) em relação aos demais fatores. A marcação no *gerúndio*, *infinitivo* e *futuro* também são significativos, favorecendo o uso das três formas pronominais *você*, *cê* e *tu*, para *ocê* as ocorrências foram 0,0%.

Tabela 11 - Dados amalgamados *você, cê, ocê* vs *tu* em relação ao tempo verbal

VOCÊ, CÊ e OCÊ				TU		
Tempo verbal	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Presente do indicativo	302	89,1	0.532	37	10,9	0.468
Pretérito perfeito	18	69,2	0.154	8	30,8	0.846
Pretérito imperfeito	8	47,1	0.097	9	52,9	0.903
Locução verbal	45	95,7	0.833	2	4,3	0.167
Gerúndio, infinitivo e futuro	36	80	0.316	9	20	0.684
Total	409			65		

Fonte: Elaboração própria

Conforme o peso relativo *você, cê* e *ocê* são frequentemente utilizadas com a marcação primeiramente do presente do indicativo com 0.532 (P.R), segundo pela locução verbal com 0.833 (P.R), terceiro gerúndio, infinitivo e futuro com 0.316 (P.R), quarto pretérito perfeito com 0.154 (P.R) e em quinto e último o pretérito imperfeito com 0.097 (P.R). Em contrapartida, a variante *tu* sai na frente em relação ao peso relativo quando, marcada pelos fatores pretérito perfeito, pretérito imperfeito, gerúndio, infinitivo e futuro, ou seja, esses fatores favorecem a ocorrência dessa variante.

5.3.2. Variável Preenchimento do sujeito: sujeito explícito e implícito

A variável preenchimento do sujeito foi a terceira selecionada como relevante pelo programa Goldvarb X para a análise do fenômeno. Os resultados para essa variável podem ser observados na Tabela 12 e 13.

Tabela 12 - *Você, cê, ocê e tu* em relação ao preenchimento do sujeito

Preenchimento Sujeito	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TU	
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
Explícito	236	58	5	1,2	118	29	48	11,8
Implícito	30	44,8	0	0,0	20	29,9	17	25,4

Fonte: Elaboração própria

Nos resultados, foram obtidas 65 ocorrências registradas no uso das formas pronominais da segunda pessoa do singular de forma implícita, sendo 25,4% dos usos para *tu*, 44,8% para *você* e, 29,9% para *cê* e pra *ocê* 0,0%. Nesse sentido, apesar de que as formas pronominais foram utilizadas 409 vezes de forma explícita, é importante analisar esses dados partindo das formas implícitas também, visto que, correspondem a um número significativo nas ocorrências dos falantes, não podendo assim ser desconsiderada essa variável.

Conforme o peso relativo, a variante *tu* favorece o uso nas ocorrências implícitas quando comparada às formas amalgamadas *você, cê e ocê*. Na tabela 13 traz-se essas informações:

Tabela 13 - Dados amalgamados *você, cê, ocê* vs *tu* em relação ao preenchimento do sujeito

VOCÊ, CÊ e OCÊ				TU		
P. Sujeito	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Explícito	358	88,2	0.529	48	11,8	0.471
Implícito	51	75	0.336	17	25	0.664
Total	409			65		

Fonte: Elaboração própria

5.3.3. Variável Função sintática: sujeito/não sujeito

A variável função sintática, também não foi selecionada como relevante pelo programa Goldvarb X para a análise do fenômeno, mas, de alguma forma, essa variável contribui para o entendimento da variação linguística. Os resultados para essa variável podem ser observados na Tabela 14 e 15.

Tabela 14 - Você, cé, ocê e tu em relação a função sintática

Função sintática	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TU	
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
Sujeito	255	55,8	5	1,1	138	30,2	59	12,9
Objeto	11	64,7	0	0,0	0	0,0	6	35,3

Fonte: Elaboração própria

Conforme os resultados da tabela 14, as formas pronominais da segunda pessoa do singular têm favorecimento maior na função de sujeito. No entanto, em relação a estatística de ocorrências implícitas a variante *tu* alcança uma maior ocorrência, obtendo o peso relativo de 0.778, conforme ilustrado na tabela 15.

Tabela 15 - Dados amalgamados você, cé, ocê vs tu em relação a função sintática

VOCÊ, CÊ e OCÊ				TU		
Função sintática	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Sujeito	398	87,1	0.512	59	12,9	0.488
Objeto	11	64,7	0.222	6	35,3	0.778
Total	409			65		

Fonte: Elaboração própria

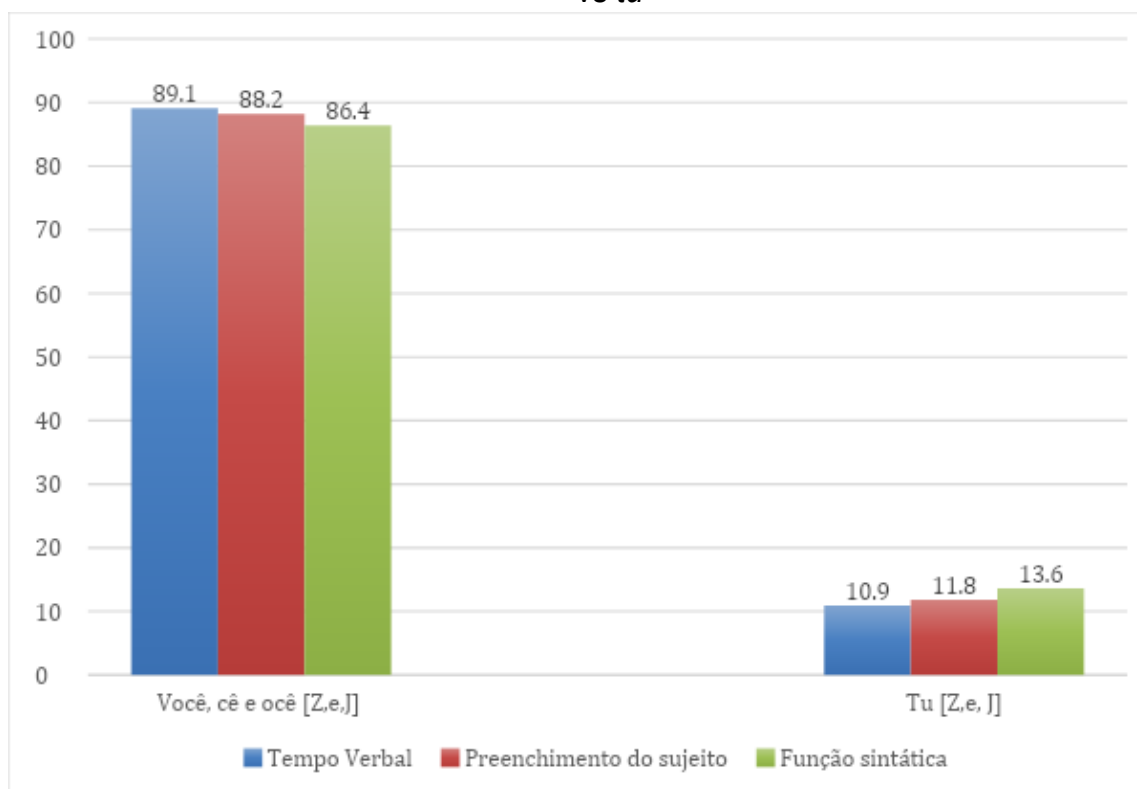
5.3.3.1. Resultados dos grupos de fatores linguísticos na variação dos dados amalgamados você, cé e ocê vs tu

Para identificar quais os principais fatores das variáveis linguísticas que favorecem mais o uso das variantes *você, cé e ocê* que foram amalgamados, selecionou-se os maiores índices de ocorrências em cada grupo de fator linguístico e analisou-se de acordo a porcentagem obtida a partir do programa GoldVarb X, conforme ilustrado nas tabelas 11, 13 e 15. Observe o quadro 8 e o gráfico 3:

Quadro 8 - Codificação: grupos de fatores linguísticos

Preenchimento do sujeito	Sujeito explícito	e
	Sujeito implícito	i
Tempo verbal	Presente do indicativo	Z
	Pretérito perfeito	w
	Pretérito imperfeito	x
	Locução verbal	+
	Gerúndio, infinitivo e futuro	R
Função sintática	Sujeito	J
	Objeto	D

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 3 - Percentagem da distribuição das variantes amalgamadas *você, cê, ocê* vs *tu*

Fonte: Elaboração própria

Conforme se observa no gráfico 3, o favorecimento de uso da variante dependente em relação aos fatores linguísticos é relativo, tanto nas ocorrências de uso da variante *tu*, quanto nas ocorrências de usos nas variantes amalgamadas *você, cê* e *ocê*. Porém, percebe-se que, tanto para variante *tu* quanto para as variantes amalgamadas *você, cê* e *ocê*, é o tempo verbal no presente do indicativo que favorece as ocorrências dessas variantes. De acordo, com os resultados o

preenchimento do sujeito explícito e na função sintática são os fatores que mais favorecem o uso dessas formas pronominais.

5.4. Ocorrências relativas ao Preconceito Linguístico

Antes de iniciar a análise das amostras relativas a esse problema social, ou seja, o Preconceito Linguístico, vale entender o porquê desse assunto ser relevante e do interesse da área da Sociolinguística. A princípio, se lembrarmos qual o objeto de estudo dessa subárea, já é possível perceber que tudo que envolve língua e sociedade é do interesse da Sociolinguística.

Dessa forma, o Preconceito Linguístico como se trata de uma ocorrência na comunidade de fala, também envolve diversas variáveis linguísticas, como a fonológica utilizada como exemplo na introdução deste trabalho e as variáveis sociais como de região ou diatópica, ou seja, que são aspectos relevantes quanto a variação linguística, assim, é de interesse da Sociolinguística estudos dessa natureza.

Labov, o pai da Sociolinguística Variacionista reconhece que há julgamentos conscientes e inconscientes acerca das variações linguísticas. Ele denomina esses fenômenos sociais de acordo com as avaliações que as variações linguísticas recebem: *Indicadores* (segundo a idade e grupo social); *Marcadores* (exibem estratificação estilística e social) e *estereótipos* (formas rotuladas negativamente pela sociedade) (Labov, 2008[1972], p. 360). O autor ainda afirma que

Esses estereótipos sociais oferecem uma visão fragmentada e assistemática da estrutura linguística, para dizer o mínimo. Em geral, podemos afirmar que a *correção social* explícita da fala é extremamente irregular, concentrando-se nos itens lexicais mais freqüentes, enquanto o verdadeiro curso da evolução linguística, que produziu a forma marcada dessas variáveis, é altamente sistemático. Essa é a principal razão por que o vernáculo, no qual se presta o mínimo de atenção à fala, nos dá o retrato mais sistemático da estrutura linguística. (Labov, 2008[1972], p. 287)

Logo, Calvet (2002, p. 67- 69) ao falar de preconceitos, afirma que os estereótipos negativos que se fazem da língua atingem outro alvo, o falante. Corroborando dessa forma, com a necessidade de falar do Preconceito Linguístico enquanto problema social na sociedade brasileira.

Nessa análise, leva-se em consideração duas situações de ocorrência do Preconceito Linguístico: Situação 1. atribuições de valores negativos em relação a *tu*, *você*, *cê* e *ocê* e Situação 2. ocorrências do ponto de vista das inseguranças de

uso de determinadas variantes por parte dos falantes, por já está estruturado na sociedade o preconceito linguístico.

Situação 1: atribuições de valores negativos às formas da variante dependente. Respostas à pergunta “Qual dessas formas acha feia ou ruim? Ou não acha feia ou ruim nenhuma das formas?”

Ex: .1 — Tu. Tu, acho que é uma coisa assim mais, né? **Tu!** (...) Às vezes, mais muito pouco.

Ex: .2 — Cê e ocê é muito terrível.

Ex: .3 — Ruim, ocê. Feio **tu**. Eu acho horrível o filho que chama o pai de **tu**, sabe? Assim pra mim é uma falta de respeito mesmo assim. Eu fico.../ Eu até chamo **tu**, às vezes depende da pessoa, entendeu? Mas, eu não acho legal, posso até chamar, mas eu não acho legal. Tipo assim eu abomino.

Ex: .4 — Eu acho feio a palavra **tu**. Também depende da pessoa, né? que é igualmente o ***** tava falando, depende da pessoa, que tem pessoa que não aceita. Mas, eu acho bonito quando a pessoa trata outro bem educado, senhor (a), você, né? É muito lindo!

Ex: .5 — Eu acho que o correto é senhor (a), os outros tudo já tá feio, né? A gente fala **tu** porque a sociedade hoje em dia colocou isso na mente das pessoas.

Ex: .6 — Eu acho que depende do momento, depende da pessoa, da forma, eu acho que todas elas são corretas, né. Agora, é você saber tratar no momento certo, com a pessoa certa é o que vai fazer a diferença, né? Mas, faz parte do nosso vocabulário da nossa gramática, é... o Paraense por exemplo ele usa muito o **tu**, “**tu és**”, ele usa muito, né? Já o Nordestino, o maranhense fala muito bem! O maranhense ele usa a forma correta. Já o tocaninense, ele é terrível! ... no verbo, não conjuga o verbo, ele fala muito mal, o tocaninense, mal mesmo. / E ele fala errado demais, fala muito errado, eu fico olhando assim e às vezes.... e assassinou a gramática. Mas, faz parte, né? E agora virou tudo normal, né? Eles querem mudar tudo.

Ex: .7 — Cê. *É uma palavra incompleta.*

Ex: .8 — Olha eu não vou dizer que seja feia, mas cê não é do meu cotidiano. Então eu acho que não é do meu palavrado não “cê”.

Ex: .9 — Não acho assim tão feio, mas também não assim muito tu e ocê.

Ex: .10 — *Depende de quem fala, né? No caso aí das crianças se me chamar de tu eu não vou gostar porque como a gente tem uma proximidade maior e mesmo questão de respeito dos alunos com os professores. Mas, eu não tenho nenhuma objeção com nenhuma das formas, do jeito que a pessoa por exemplo, se a pessoa chamar tu pra mim não é um, não vai me ferir, porque eu conheço a nomenclatura e tudo, então sei o que é que significa. Então pra mim não é, pra mim tá tranquilo. Agora em questão do alunado é que eu, para, para questão de respeito eu exijo que chame “Senhora” ou “Professora ****”. Eu não respondo só pelo nome de *****, “*****! Oi? Não! Professora *****.”*

Ex: .11 — Tu. *Eu acho muito feio chamar tu.*

Ex: .12 — Tu. *Apesar de poder ser que seja correto, mas eu acho um pouco “vulgar” vamos dizer assim entre aspas.*

Diante dessas ocorrências, alguns falantes simplesmente atribuem valores negativos as formas pronominais *tu*, *cê* e *ocê* porque acreditam que são formas “erradas”, porém, nem todos os falantes como dos exemplos (1), (2), (3), (4), (5), (7), (9), (11) e (12) explicam o porquê acham as formas ruins ou feias. Trata-se aqui do que já está internalizado, ou seja, o preconceito linguístico assim como outros problemas sociais se tornou estrutural, impregnado na sociedade. “A história está repleta de provérbios ou de fórmulas pré-fabricadas que expressam os preconceitos de cada época contra as línguas.” (Calvet, 2002, p. 67)

Nas demais ocorrências, percebe-se que quando os falantes dos exemplos (6) e (10) respondem à pergunta, eles deixam explicitamente que eles reconhecem que diante da norma padrão-culta, segundo a gramática normativa ensinada nas escolas, a forma pronominal *tu*, por exemplo, sem a conjugação não é aceita e/ou correta e por isso é estereotipada de feia. Um outro sentido atribuído a essa forma é o de *desrespeito*. Essas ocorrências demonstram os valores negativos que os

falantes atribuem a algumas formas pronominais da segunda pessoa do singular e consequentemente ao estigmatizar essas formas, também se comete o preconceito social contra os falantes.

Calvet (2002, p.68) diz que há estereótipos que se referem ao “bem falar”, em consequência disso, por trás há a ideia de que outros modos de falares em comparação são condenáveis, como é possível perceber de forma explícita na frase do exemplo (10): “*assassinou a gramática*”. Porém, conforme nos traz Labov

Uma vez reconhecido que o quadro social da mudança lingüística é uma sociedade hierarquizada, estratificada, é preciso reconhecer que nem todas as formas de prestígio se disseminam pela comunidade e nem toda mudança vinda de cima tem sucesso. (LABOV, 2008[1972], p. 359)

Sob outro ângulo, Bagno (1999, p. 147) também advoga que a disciplina de língua portuguesa é ultrapassada, isto porque, a décadas o ensino em relação a essa disciplina continua pautado em princípios antigos. Disciplinas como a biologia, química e ciências avançam em seus métodos de explicar os fenômenos naturais, o ensino da língua, no entanto, continua o mesmo pautado na “doutrina gramatical tradicional, surgida no mundo helenístico no século III a.C”. O autor continua dizendo que

Ninguém se espanta, porém, quando um professor de língua ensina que os substantivos são “palavras que representam os seres em geral”, ou que sujeito é “o ser do qual se diz alguma coisa”, ou que verbo é “a palavra que exprime ação ou movimento”. São afirmações tão imprecisas e incoerentes (para não dizer francamente falsas) quanto a de que as avestruzes enterram a cabeça na areia ou que apontar para as estrelas faz nascer verruga nos dedos! E, no entanto, elas continuam sendo estampadas nos manuais de gramática, nos livros didáticos, nas apostilas, e cobradas em testes, exames e provas de vestibular!

A doutrina gramatical tradicional, mais velha que a religião cristã, passou incólume pela grande revolução científica que abalou os fundamentos do conhecimento e do pensamento ocidental a partir do século XVI. (Bagno, 1999, p. 147)

Dessa forma, como falantes de uma língua com uma diversidade linguística muito grande, é preciso respeitar todas as formas linguísticas existentes na língua, pois conforme já foi apontado aqui, inúmeras pesquisas já confirmaram que não há nada nas formas variáveis de uma língua que permita afirmar que umas são melhores ou mais corretas do que as outras.

O que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil: não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais

bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. (Bagno, 1999, p. 47)

Situação 2: ocorrências do ponto de vista das inseguranças de uso de determinadas variantes por parte dos falantes, por já está estruturado na sociedade o preconceito lingüístico.

Nessa situação, mostraremos alguns acontecimentos em relação aos falantes que utilizaram ao longo da entrevista uma determinada variante x, mas no momento do teste de atitude/avaliação disseram utilizar outra variante y e que a x era feia ou ruim.

Ex. 13: Falante Z

Quadro 9 - Respostas sobre as perguntas feitas a respeito dos pronomes da segunda pessoa do singular: *Tu, você, cê, ocê, senhor (a)*

Usa com amigo	VOCÊ.
Usa com os pais	Senhor (a).
Utilizaria TU, VOCÊ e CÊ com os pais	Não. Eu tenho vergonha, minha mãe me bate. (...) Sei lá, acho que ela acostudou todo mundo chama de...aí do nada falar VOCÊ, acho que ela não ia gostar não.
Usa com alguém superior	Senhor (a).
Acha mais bonita	Senhor (a).
Acha feia ou ruim	TU.

Fonte: Elaboração própria

A falante Z, utilizou ao longo da entrevista 17 vezes o pronome *tu*, 11 vezes o pronome *você* e 1 vez a variante *cê*. Porém, conforme o quadro acima, quando foi questionada sobre qual das formas pronominais utilizava com amigos, respondeu somente *você* e entre as formas que achava feia ou ruim respondeu que era a forma *tu*.

Durante e após a entrevista da *falante Z*, observou-se que a participante utilizou o pronome *tu* em vários momentos, 17 vezes, durante suas explicações sobre brincadeiras, receitas, etc., e quando chegou o momento de fazer as perguntas de acordo com as respostas prontas que lhe era apresentada, ela apenas utilizou o pronome *você*, 11 vezes.

Após a entrevista ela perguntou se o pronome mais utilizado pela maioria das pessoas seria o *você*, sendo assim, possível perceber que ela tinha o conhecimento

inconscientemente de que o pronome *tu* é estigmatizado e por esse motivo respondeu que essa forma era feia. Logo, a partir desse diálogo ela afirmou que utilizava muito o *tu*, mas disse na entrevista que ele era feio. A participante, ainda, demonstrou arrependimento por ter dito que o *tu* era feio.

Diante disso, percebe-se, segundo Calvet (2002, p. 72) que a participante demonstrou estar insegura com o seu modo de falar e com as formas pronominais que utiliza.

Fala-se de *segurança linguística* quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram *sua* norma a norma. Ao contrário, há *insegurança linguística* quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam.

Ex.: 14: Falante j

Tenho filhos: — CÊ tem filhos? Se não tem, pretende ter? / Mas, pretende ter tipo finalizando a faculdade, né? Já é uma parte concluída ou não? Tipo assim, já tá na expectativa, já tá esperando? / Mas, se **TU** pensar bem, **TU** nunca vai se achar que tá no tempo de ter, sabe, porque quando **TU** terminar a faculdade, **TU** quer ter depois de um ano, com um ano **TU** tá começando a tua carreira, um ano tipo **TU** tá se estabilizando profissionalmente, né? Então se **VOCÊ** for pensar em ter depois, tipo assim **VOCÊ** vai ver que em um ano depois de formada **VOCÊ** ainda não tá preparada, **VOCÊ** vai se achar e tipo assim e se acontecer, porque já tem 3 anos de casamento, né, e se acontecer **VOCÊ** vai se adaptando. E tipo assim, não que seja bom né, tipo assim, porque vai sobrecarregar, tipo assim vai ter mais uma responsabilidade, né, mais uma atenção, né. Porque não é só ter o filho, tipo tem a gravidez, tem o cansaço, “N” coisas, né. / E quem perde no final, a criança perde e a mãe ver o quanto que perdeu, entendeu!? O quanto que ela poderia ter sido presente, porque os 6 primeiros anos da vida da criança é tipo assim a fase principal, porque é a formação da mentalidade, tipo assim físico, tudo, tudo, tudo, tudo é a mãe, ela é responsável desse período, tipo assim **TU** vai dar o teu filho pra outra pessoa olhar, cuidar, ensinar posturas que **TU** não gostaria, entendeu? Enfim, é... Assim, eu vejo assim umas mães, sabe que eu não aprovo não.

Quadro 10 - Respostas da falante J a pergunta: Qual dessas formas acha feia ou ruim?

Acha feia ou ruim	Ruim, OCÊ. Feio TU, eu acho horrível o filho que chama o pai de TU, sabe assim pra mim é uma falta de respeito mesmo assim. Eu fico.../ Eu até chamo TU às vezes, depende da pessoa, entendeu? Mas, eu não acho legal, posso até chamar, mas eu não acho legal. Tipo assim eu abomino.
-------------------	--

Fonte: Elaboração própria

Durante a entrevista com a participante teve-se um diálogo bem aberto e natural, percebeu-se em alguns momentos que ela não estava monitorando a própria fala. No início, das perguntas do questionário, os objetivos de observar o uso da segunda pessoa do singular não foram atingidos. No entanto, quando chegamos na dinâmica em que o entrevistador dá uma resposta para o entrevistado formular uma pergunta, a participante interagiu perfeitamente e formulou as perguntas além do que se esperava, utilizando assim por meio da formulação de perguntas ao entrevistador muitos pronomes da segunda pessoa do singular principalmente *você* e frequentemente o *tu*.

O pronome *você*, a participante utilizava bastante, porém, nesses usos a falante monitorava a sua própria fala. No entanto, quando utilizava o *tu* parecia que estava utilizando essa variante de forma inconsciente, esses momentos eram quando a entrevistada dialogava de forma bem espontânea e tranquila.

Quando foi perguntado a entrevistada sobre quais formas da segunda pessoa do singular ela mais utilizava e quais achava feias ou ruins, ela foi bem objetiva ao responder que *tu* é ruim e feio, principalmente para utilizar com os pais, deixou claro que o *tu* ela não gostava porque o acha feio mesmo, desrespeitoso se dirigir a alguém com esse pronome, entre outras falas em que ela estigmatizou o *tu*.

Entretanto, também afirmou utilizar às vezes o *tu* com amigos próximos e em casa com a irmã às vezes, mas que mesmo utilizando gostava. Isso prova que a falante utiliza esse pronome de forma inconsciente sem monitorar sua fala e quando percebe já tem pronunciado o *tu*.

Diante disso, segundo Calvet (2002, p. 77), “quaisquer que sejam as formas estigmatizadas, rejeitadas, classificadas como ilegítimas (em nome de critérios de prestígio, de classes sociais, de anormalidade congênita, etc.), elas o são por referência a uma forma tida como legítima”.

Situações como os exemplos mencionados acima, ocorreram com outros participantes em relação às formas pronominais *cê* e *ocê*, porém, todavia, em nenhum momento a forma pronominal *você* foi estigmatizada, confirmando assim que essa variante é a forma tida como legítima, variante-padrão, variante de prestígio.

5.4.1. Resultados das ocorrências do fenômeno do preconceito linguístico

Conforme observado, há várias formas de ocorrências do preconceito linguístico, mas optou-se por analisar apenas as duas situações abordadas anteriormente para não fugir do foco do objetivo desse estudo, ou seja, analisar o uso dos pronomes da segunda pessoa do singular na comunidade de fala do Distrito de Luzimangues, Porto Nacional – TO e demonstrar a importância de respeitar as variações linguísticas em relação ao uso dessas formas na fala. Veja a tabela a seguir que demonstra as ocorrências da avaliação social negativa em relação a cada participante da pesquisa:

Tabela 16 - Alternância das variantes *você*, *cê*, *ocê* e *tu*, por falante, na amostra. O que os falantes usam e o que eles dizem usar com os amigos?

P.	Sexo	Idade	Esc	Oco. e % de VOCÊ	Oco. E % de CÊ	Oco. e % de OCÊ	Oco. e % de TU	Feia/ ruim
e	M	18-30	F	5/20= 25%	13/20= 65%	0	2/20= 10%	Nenhuma
i	M	31-49	F	0	7/18= 39,9%	11/18= 61,1%	0	Tu
l	M	+50	F	0	10/13= 76,9%	3/13= 23,1%	0	Nenhuma
a	F	18-30	F	35/42= 83,3%	2/42= 4,8%	4/42= 9,5%	1/42= 2,4%	Nenhuma
n	F	31-49	F	7/7= 100%	0	0	0	Tu
u	F	+50	F	5/8= 62,5%	0	0	3/8= 37,5%	Tu
o	M	18-30	M	0	0	0	14/14= 100%	Nenhuma
g	M	31-49	M	4/12= 33,3%	8/12= 66,6%	0	0	Tu
d	M	+50	M	23/41 = 56,1%	18/41= 43,9%	0	0	Tu
z	F	18-30	M	14/32= 43,8%	1/32= 3,1%	17/32= 53,1%	0	Tu
v	F	31-49	M	5/19= 26,3%	14/19= 73,7%	0	0	Tu
m	F	+50	M	15/21= 71,4%	6/21= 28,6%	0	0	Cê e Ocê

c	M	18-30	S	7/26 = 26,9%	19/26= 73,1%	0	0	Tu
r	M	31-49	S	5/12= 41,7%	6/12= 50%	1/12= 8,3%	0	Tu
b	M	+50	S	30/36= 83,3%	6/36= 16,7%	0	0	Tu
j	F	18-30	S	63/78= 80,8%	5/78= 6,4%	10/78= 12,8%	0	Ocê e Tu
x	F	31-49	S	5/9= 55,6%	1/9 = 11,1%	0	3/9= 33,3%	Cê
q	F	+50	S (Técnico)	13/18= 72,2%	5/18= 27,8%	0	0	Cê
h	F	+50	S	30/48= 62,5%	17/48= 35,4%	1/48= 2,1%	0	Nenhuma

Fonte: Elaboração própria

Constatou-se, a partir desses resultados em relação à ocorrência do preconceito linguístico, que a maioria dos falantes luzimanguenses estigmatizam a variante *tu*, mesmo que o usem para se comunicarem com a 2ª pessoa no singular. Destarte, uma variante considerada não padrão ou utilizada de forma inadequada, conforme a norma culta padrão, às vezes passa a ser muito estereotipada de forma negativa pelos falantes da classe dominante. Dessa forma, os falantes pouco escolarizados ou aqueles que já tem em mente uma forma de prestígio passam a ter medo, vergonha de utilizar essas formas. Conforme traz Labov (2008[1972], p. 362), “o estigma social conferido a alguns desses estereótipos têm levado à mudança lingüística rápida, com extinção quase total. Um bom exemplo é a pronúncia [ə] na cidade de Nova York.”.

Assim, considera-se que esse caso de extinção talvez seja do pronome *tu* na atualidade, visto que, é um pronome que já faz parte do vocabulário da língua portuguesa a bastante tempo, mas ainda assim, há tantas formas estereotipadas negativamente em relação a essa forma pronominal.

De fato, o pronome *tu* está em vias de extinção na fala do brasileiro, e quando ainda é usado, como por exemplo em alguns falares característicos de certas camadas sociais do Rio de Janeiro, o verbo assume a forma da terceira pessoa: *tu vai, tu fica, tu quer, tu deixa disso etc.*, que caracteriza também a fala informal de algumas outras regiões. (Bagno, 1999, p. 46)

Para desmistificar uma das principais ideias que estigmatizam o pronome *tu*, ou seja, a ideia que é uma forma desrespeitosa, grosseira, entre outras avaliações negativas, cita-se como exemplo a utilização do pronome *tu* em hinos de louvores a Deus e na própria bíblia para se dirigir a Ele. O que importa aqui neste estudo com essas discussões a respeito do preconceito linguístico é fazer com que o leitor reflita sobre atitudes de avaliação negativas em relação às variações linguísticas que fazem parte da cultura brasileira.

Aqui, o que interessa à sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valoriza sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro as pessoas serão julgadas no seu modo de falar. (Calvet, 2002, p. 69)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral descrever o uso dos pronomes da segunda pessoa do singular na comunidade de fala do Distrito de Luzimangues, Porto Nacional – TO e demonstrar a importância de respeitar as variações linguísticas em relação ao uso dessas formas na fala. Na amostra analisada, foram computadas 474 ocorrências de uso dos pronomes da 2ª pessoa do singular *você*, *cê*, *ocê* e *tu*. Desse total foram computadas 266 para o pronome *você*, 138 para a variante *cê*, 5 para a variante *ocê* e 65 para o pronome *tu*, representando o percentual de 13,7% para o pronome *tu*, 56,1% para o pronome *você*, 29,1% para a variante *cê* e 1,1% para a variante *ocê*.

Relativamente à distribuição das ocorrências *você*, *cê* e *ocê* que foram amalgamadas, constou-se que os grupos de fatores extralinguísticos que favorecem o uso dessas formas são: Faixa etária III (+50 anos) com 97,8%; Sexo feminino com 86,6%; Escolaridade universitária com 92% e; Região Norte com 84,4% das ocorrências. Já os grupos de fatores linguísticos que favorecem essas ocorrências para *você*, *cê* e *ocê* de acordo os resultados dessas variantes amalgamadas são: presente do indicativo em relação ao tempo verbal com 89,1%; Preenchimento do sujeito explícito com 88,2% e; Função sintática, sujeito com 86,4% das ocorrências.

Em relação à distribuição das ocorrências do *tu*, foi constatado que os grupos de fatores extralinguísticos que favorecem o uso dessa variante são: Faixa etária I (18-30) com 22,7% das ocorrências; Sexo feminino com 13,4% das ocorrências; Escolaridade nível médio com percentual de 16,9% e; Região Norte com 15,6% das ocorrências. Esses percentuais foram analisados de acordo o número maior de ocorrências das variantes em cada grupo e não necessariamente em relação às porcentagens, pois houve casos em que as ocorrências foram 8 e com percentual acima de 50% em relação às ocorrências das outras variantes. Os fatores linguísticos que favorecem o uso da variante *tu*, são os mesmos que favorecem as variantes amalgamadas: presente do indicativo em relação ao tempo verbal com 10,9%; Preenchimento do sujeito explícito com 11,8% e; Função sintática, sujeito com 13,6% das ocorrências.

Ainda, conforme os resultados o uso da variante *ocê* é quase nulo, visto que, de 474 ocorrências das variantes na comunidade Luzimanguense houve apenas 5 ocorrências dessa variante, com um percentual de 1,1%. Nesse sentido, já que a

variante *você* é a forma mais utilizada pela comunidade com 266 ocorrências, as variantes *tu* e *cê* se tornam concorrentes significativas de *você*.

Dessa forma os fatores extralinguísticos que mais favorecem o uso do *cê* são: Faixa etária III (+ 50 anos) com 33,7% das ocorrências; Sexo/gênero masculino com 44,4% das ocorrências; Escolaridade nível médio com 39% das ocorrências e; Região Norte com 33,7% das ocorrências. Já os fatores linguísticos que influenciam nas ocorrências dessa variante são: Tempo verbal, presente do indicativo com 28,7% das ocorrências; Preenchimento do sujeito explícito 29% das ocorrências e; Função sintática sujeito com ocorrências somente explícitas com 30,2%, um total de 138 ocorrências nesse último.

Os resultados em relação às ocorrências do pronome *tu* são os mesmos já discutidos, a diferença é que quando comparamos os dados da concorrente *cê* em relação a *tu*, as alternâncias entre essas variantes pelos falantes são quase relativos, diferentemente de comparar a variante *tu* com as variantes amalgamadas.

Sobre a ocorrência do preconceito linguístico relacionado às formas de segunda pessoa do singular, observou-se que ele interfere nos usos dessas formas, causando alternâncias em seus usos. Dessa forma, o falante que usa as formas *cê*, *ocê* ou *tu*, quando passa a se monitorar começa utilizar *você*, forma tida como de prestígio pelos falantes dessa comunidade. Essa avaliação dos usos das formas de segunda pessoa decorre do fato de que os falantes acreditam que há formas de uso mais legítimas que outras, portanto avaliam determinadas formas linguísticas como certas e outras como erradas. Assim, a crença que o falante tem sobre determinado uso determina a atitude que ele terá sobre aquele uso, que poderá ser positiva ou negativa. É assim que o participante da pesquisa se posiciona, por exemplo, frente ao uso da forma de segunda pessoa do singular *tu*, forma milenar de segunda pessoa, mas que está perdendo espaço no uso para a forma inovadora *você(cê)*, uma vez que a avaliação social do *tu* em diversas regiões do Brasil é frequentemente negativa.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Wilma de O. **Alternância das formas pronominais de segunda pessoa do singular na fala dos remanescentes da comunidade Canela, Palmas – TO**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Acadêmica) – IFTO, Palmas, 2023.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 55.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- BAGNO, M; GAGNÉ, G; STUBBS, M. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BARRETO, Mirela F.; RODOVALHO, Sarah A. **A produção do espaço urbano no distrito de Luzimangues (TO, Brasil)**. Campinas, 2023.
- BRAGA, M. L; MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- BUCAR, Ruy. **Soares Filho: População de Luzimangues quer direito de gerir seu próprio destino**. Jornal Opção, 2023. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/tocantins/soares-filho-populacao-de-luzimangues-quer-direito-de-gerir-seu-proprio-destino-482689/> . Acesso em: 20 de out de 2023.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CERUTTI-RIZZATTI, M. E.; RODRIGUES, R. H. **Linguística Aplicada: ensino de língua materna**. Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011.
- COELHO, Izete L.; et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- GAMA, Filipe Joseph da. **Diretório que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão, enquanto Sua Majestade não mandar o contrário**. Belém: Registrado [sic] na Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, no livro da Companhia Geral do Grão Pará, e Maranhão, a fol. 120, 18 de Agosto de 1758.
- GINDRI, Ewerton Rezer. **A gênese do ensino de língua portuguesa no Brasil: entre a Religião e o Estado**. Need.Unemat, 2010. Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/ewerton.pdf . Acesso em: 15 de out de 2023.
- GUY, Gregory R. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, 392p.
- LOPES, Célia M. de J. **Variação dos pronomes tu e você na fala da comunidade de Taquaruçu**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Acadêmica) – IFTO, Palmas -TO, 2022.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**: por uma nova concepção da língua materna. São Paulo: Editora Ática. 6ª edição, 2006.

MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. **A constituição interdisciplinar da Sociolinguística**. Palmas, 2012.

MARTINS, M. R. A. S. **Análise da alternância dos pronomes tu/você/cê no falar de Porto Nacional (TO) à luz da sociolinguística cognitiva**. 2017. 117f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - UFT, Porto Nacional, TO, 2017.

PINTO, Lúcio M. C. **Luzimangues**: Processos Sociais e Política Urbana na Gênese de uma “Nova Cidade”. Palmas, 2012.

PORTO NACIONAL. **Lei nº 1.415, de 14 de outubro de 1993**. Cria o Distrito de Mangues/Santa Luzia.

SANTANA, Amanda de L. **A pronúncia variável de /t, d/ diante de [i] na fala de migrantes sergipanos em São Paulo**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 50, n. 3, p. 1283-1304, dez. 2021.

SANTOS, Gisele R. C. M.; MOLINA, Nilcemara L.; DIAS, Vanda F. **Orientações e Dicas Práticas Para Trabalhos Acadêmicos**. Curitiba: Ibpex, 2007, p. (123-150)

SILVA, Daniel Marra. **Origem e desenvolvimento das idéias linguísticas de William Labov**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal de Goiás, GO, 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática S.A. 2ª ed., 1986.